



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - FFC
MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA (PROFSOCIO)

JABIS RONALDO EVARISTO DA SILVA

**O USO DA LITERATURA COMO APOIO DIDÁTICO NO ENSINO DE
SOCIOLOGIA: EDUCAÇÃO E TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

MARÍLIA – SP
2021

JABIS RONALDO EVARISTO DA SILVA

**O USO DA LITERATURA COMO APOIO DIDÁTICO NO ENSINO DE
SOCIOLOGIA: EDUCAÇÃO E TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional – Mestrado Profissional - da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília – como requisito para a obtenção do título de mestre em sociologia.

Orientadora: Prof^o. Dr^a. Ana Paula Cordeiro.

Linha de Pesquisa: Práticas de ensino e conteúdos curriculares.

Marília – SP

2021

S586u

Silva, Jabis Ronaldo Evaristo da

O USO DA LITERATURA COMO APOIO DIDÁTICO NO
ENSINO DE SOCIOLOGIA: EDUCAÇÃO E TRABALHO NA
SOCIEDADE CAPITALISTA/ --Marília 2021

107 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp) Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Orientadora: Ana Paula Cordeiro

1. Sociologia. 2. Didática. 3. Ensino Médio. 4. Literatura. 5.

Metodologia de Ensino

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade
de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos (a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jabis Ronaldo Evaristo da Silva

**O USO DA LITERATURA COMO APOIO DIDÁTICO NO ENSINO DE
SOCIOLOGIA: EDUCAÇÃO E TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Rede Nacional – Sociologia (PROFSOCIO) – da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília – para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

**Banca Examinadora
Dissertação de Mestrado**

Prof.^o. Dr.^a. Ana Paula Cordeiro (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília

Prof.^o. Dr.^a. Maria Valéria Veríssimo
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília

Prof.^o. Dr.^a. Joana D’Arc Teixeira
Faculdades Integradas de Bauru – FIB

Marília
2021

Para Marx, a literatura constituiu e permaneceu durante toda a vida como ferramenta de trabalho, citou Shakespeare, Virgílio, Hesíodo, Goethe, a Bíblia, Horácio, John Dryden e tantos outros. O uso da literatura constituiu-se para Marx, um misto de técnica e método, não especificamente uma fonte histórica, mas como conexão entre o problema e a necessidade de seguir procurando a solução. (Fonte: autoria própria)

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato.

À Deus.

A meus pais, Ronaldo e Conceição pelo amor e confiança.

A Mônica, pelo amor e companheirismo. Por compartilhar comigo, o seu etéreo brilho.

Aos meus irmãos.

Aos meus sogros, Islei e Meire.

A todos os meus professores, desde os anos iniciais.

A Fundação Bradesco, pela educação.

A UNESP, pela educação.

À professora Ana Paula Cordeiro por aceitar o meu projeto de pesquisa; pelas orientações; e pela oportunidade de compartilhar comigo a sua experiência profissional.

Aos meus amigos Bruno, Leonardo Amadeu, Leonardo Sartoretto e Vinicius.

As minhas avós Nair, ambas de mesmo nome, de igual caráter e coração.

A todos os professores, estudantes e funcionários que diretamente ou indiretamente fazem parte do ProfSocio - Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional.

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque contribuir, por meio do desenvolvimento de uma proposta de sequência didática, com o ensino de Sociologia no Ensino Médio. A pesquisa tem como objetivo propor um diálogo entre a Literatura e o ensino de Sociologia visando, por meio de textos literários, desenvolver o tema “Trabalho”, em sala de aula, de forma a ampliar a experiência humana do aluno, visando a aprofundar sua consciência. Além disso, uma parcela importante dos alunos do ensino médio, assim como os profissionais da educação são trabalhadores. Esse fator foi determinante para a escolha do tema a ser desenvolvido na sequência didática: o tema “Trabalho”, a partir das obras de Karl Marx e do marxismo. Esse trabalho de pesquisa tem como justificativa os desafios da disciplina de Sociologia e do reconhecimento da escola pública como um espaço de conhecimento. Escolhemos a Literatura como elemento principal na produção de uma sequência didática, porque a arte representa sempre e exclusivamente o mundo humano. Elaboramos uma proposta de sequência didática, e para isso usamos a obra “Hard Times” de Charles Dickens, como o elemento de mediação entre essa realidade reificada e o próprio indivíduo, assumindo, nesse contexto de formação do homem, um papel de esclarecimento que levará o aluno a percepção da totalidade do mundo. Para o desenvolvimento da proposta de sequência didática utilizamos elementos dos referenciais da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica e seus princípios metodológicos, pois entendemos que a didática da Pedagogia Histórica- Crítica traduz para a sala de aula o processo dialético “prática-teoria-prática” na elaboração do conhecimento científico, constituindo-se em um método eficiente de leitura de mundo. Buscamos, utilizando metodologias de ensino que sejam significativas, alcançar maior êxito no processo de ensino-aprendizagem: o conhecimento. Os objetivos da pesquisa foram atingidos, e a proposta da sequência didática foi devidamente elaborada e apresentada como possibilidade de aplicação em aulas de Sociologia no Ensino Médio.

Palavras- chave: Ensino de Sociologia, Ensino Médio, Literatura, Trabalho.

ABSTRACT

The present work focuses on contributing, through the development of a proposal for a didactic sequence, to the teaching of Sociology in High School. The research aims to propose a dialogue between Literature and the teaching of Sociology aiming, through literary texts, to develop the theme "Work" in the classroom, in order to expand the human experience of the student, aiming to deepen its conscience. Furthermore, a significant portion of high school students, as well as education professionals, are workers. This factor was decisive for the choice of the theme to be developed in the didactic sequence: the theme "Work", based on the works of Karl Marx and Marxism. This research work is justified by the challenges of the discipline of Sociology and the recognition of the public school as a space of knowledge. We chose Literature as the main element in the production of a didactic sequence, because art always and exclusively represents the human world. We developed a proposal for a didactic sequence, and for this we used the work "Hard Times" by Charles Dickens, as the mediating element between this reified reality and the individual himself, assuming, in this context of man's formation, a role of clarification that will lead the student the perception of the totality of the world. For the development of the didactic sequence proposal, we used elements from the references of the Historical-Cultural Theory and the Historical-Critical Pedagogy and their methodological principles, as we understand that the didactics of the Historical-Critical Pedagogy translates to the classroom the dialectical process "practice- theory-practice" in the elaboration of scientific knowledge, constituting an efficient method of reading the world. We seek, using teaching methodologies that are significant, to achieve greater success in the teaching-learning process: knowledge. The research objectives were reached, and the proposal of the didactic sequence was duly elaborated and presented as a possibility of application in high school sociology classes.

Keywords: Sociology Teaching, High School, Literature, Work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

OCNEM – Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PCN+ – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais **PCNEM** – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O CONTEXTO DA ESCOLA DO ALUNO TRABALHADOR NAS SOCIEDADES INDUSTRIAIS E O TEMA TRABALHO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE NORTEIAM O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO	24
1.1 O tema trabalho nos documentos oficiais que norteiam o currículo do Ensino Médio brasileiro.....	37
2. UM ESTUDO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA NA OBRA “TEMPOS DIFÍCEIS”, DE CHARLES DICKENS	49
3 –TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E TEORIA HISTÓRICO CRÍTICA – AS BASES PARA A CONCEPÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E OS PARÂMETROS NORTEADORES DA CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA QUE FAÇA SENTIDO PARA O ALUNO.	61
3.1 Os elementos da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski.	62
3.2 Os elementos da Pedagogia Histórico-Crítica.	67
3.3. Proposta de Sequência Didática	70
Considerações Finais.....	79
Referências	84
Apêndice A.....	89
Apêndice B	93

PRÓLOGO

A existência não permite um prólogo, como descreve Descartes, mas um trabalho acadêmico sim, e se eu tenho a oportunidade de deixar aqui no tronco da árvore da vida o meu coração numa folha impresso, o farei.

Antes de me tornar professor, eu me dediquei exclusivamente à poesia e à literatura, e da mesma forma que a arte transformou a minha vida, eu sempre ansiei para que essa mesma metamorfose que eu sofri se estendesse a todos os meus alunos e pessoas que tivessem a possibilidade de me relacionar neste mundo. Só não imaginava que isso seria dentro de uma sala de aula.

Quando entrei na universidade para cursar Ciências Sociais, não sabia sequer que eu poderia ser professor, pois na minha escola eu não tive aulas de Sociologia ou Ciências Sociais, e por acidente, curiosidade minha, já que não recebi nenhuma orientação específica, eu entrei para a universidade pública. E o que aconteceu comigo me ajudou a compreender como a exclusão cultural das pessoas mais pobres no capitalismo e em todas as sociedades por meio da luta de classes é profunda, e então, promovido pelos meus professores de graduação, colegas de ofício, fui colhido, da sementeira da consciência, para frutificar no néctar de professor, novas possibilidades a todos os meus alunos marginalizados da cultura.

Eu fui aluno trabalhador desde o primeiro ano do Ensino Médio como empacotador de supermercado e auxiliar de escritório. O que prejudicou quase que totalmente o meu aprendizado, pois se do ensino fundamental eu carregava lembranças das atividades escolares, do Ensino Médio, as únicas lembranças que eu tenho são eu dormindo na carteira da escola e a grande tristeza que eu tinha de não ter condições de me dedicar aos conteúdos científicos tão esperados por mim no Ensino Fundamental, pois sempre fui apaixonado pela ciência. Escrever este prólogo me levou de volta a essa cicatriz na minha formação e a um redemoinho na alma que não sabia, depois de tanto tempo fluir dentro de mim.

Na graduação, não foi diferente, trabalhei de forma intermitente, pois recebi bolsa da universidade nos dois primeiros anos (o que provavelmente possibilitou que eu

chegasse até aqui), e nos outros anos, a construção civil foi meu ambiente de trabalho, onde encontrei muitos outros jovens como eu, lutando para sobreviver contra uma realidade que por vezes desmerece até mesmo o mais simples de nossos olhares. Sonhar numa obra é como imaginar solitariamente uma caminhada no espaço.

Se de um lado, a minha experiência enquanto aluno trabalhador, me permite ter clareza do quanto um aluno trabalhador, mesmo estando dentro da sala de aula, fica distante dos seus estudos, do outro me dá possibilidades de pensar e elaborar atividades que sejam mais significativas para os alunos. Pois nas escolas em que leciono, a grande maioria dos alunos é trabalhadora, e a outra metade está procurando emprego, para contribuir com a renda da família e conseguir suprir as suas necessidades como jovem, de artigos e de cultura.

Nas escolas presenciei e vivo uma dura verdade, os alunos trabalhadores não conseguem ler uma obra literária completa, por falta de acesso nas escolas, de hábito, de defasagem, pois muitos tem dificuldade de leitura e com o vocabulário, e refletindo de que forma eu poderia disponibilizar aos alunos por meio da literatura o capital cultural produzido pela humanidade, que tem o poder de diminuir as desigualdades e oportunizar novas realidades aos alunos, que essa pesquisa começou a germinar. E com o processo seletivo do Mestrado Profissional – PROFSOCIO, eu encontrei a porta certa pela qual essa luz poderia abundantemente me ajudar a elaborar propostas pedagógicas para serem implementadas nas aulas de Sociologia do Ensino Médio nas escolas em que leciono.

Escolhi a literatura como plataforma e conteúdo para pensar uma proposta de sequência didática e o trabalho pedagógico, porque a literatura retrata realidades sociais, mundos vividos e existentes aos humanos, que se assemelham à realidade dos alunos, permitindo que eles se comuniquem com os personagens e com as situações descritas, fazendo com que compreendam o modelo econômico e social de seu tempo, as contradições do mundo do trabalho que vivenciam, e soluções para os mais diferentes problemas sociais.

Os motivos que me levaram a fazer o PROFSOCIO foram dois especificamente: continuar o meu processo de aprendizagem, aperfeiçoar ainda mais o

meu espírito e poder de forma mais consciente ofertar aos meus alunos situações de aprendizagem que sejam significativas para eles, para que descubram o poder transformador da cultura, e por meio desta tomem consciência do mundo em que vivem, para ao modificar a sua forma de se relacionar consigo mesmos, modifiquem também o mundo que os cercam.

Os desafios que a educação enfrenta numa sociedade neoliberal como a brasileira, são inúmeros. Se a colonização terminou e hoje o Brasil se constitui enquanto um Estado livre, falta agora libertar o povo brasileiro dos grilhões extensos da alienação. Não é uma tarefa fácil, nunca foi fácil ao filho do proletário sair de sua condição de miserabilidade cultural e material, mas é possível, pois o mundo moderno tem se transformado como, se não pelo ensino? E a disciplina de Sociologia no currículo escolar tem acelerado esse processo de transformação, ao problematizar de forma racional os fenômenos sociais do mundo no qual todos nós estamos inseridos.

A primeira verdade que norteia essa pesquisa é a de que os alunos reconhecem o valor do conhecimento e anseiam adquiri-lo. Cabe a nós professores e comunidade escolar servi-los com nossos corações, nossas energias e nosso saber.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo propor o uso da literatura como apoio didático no Ensino de Sociologia. Desenvolver uma proposta de sequência didática na perspectiva de educação da Teoria Histórico-Cultural¹ de Vygotsky, pois no decorrer da **pesquisa** pela qual o professor, usando a literatura (a leitura coletiva do texto literário como procedimento metodológico apropriado para o ensino de Sociologia) possa trabalhar a natureza social do ser humano, bem como a sua interdependência cada vez maior resultante da divisão do trabalho e fragmentação do conhecimento nas concepções teóricas de Marx com os alunos do Ensino Médio nas aulas de Sociologia.

No campo da literatura, a luta deles [Marx e Engels] foi desde o início dirigido contra o aburguesamento da consciência proletária de classe. Precisamente porque sempre reconheceram a ação extraordinariamente intensa e profunda exercida pela literatura sobre a consciência do homem. (LUKÁCS, 1968: 10)

Escolhemos a Literatura como metodologia para trabalhar o tema trabalho nas aulas de Sociologia, porque ela transmite uma história entre o homem e o todo que o cerca, de seu modo carrega uma realidade própria e o contexto histórico da qual emergiu. Ao assumir um papel de explicar a realidade que nos é ocultada concretamente, de ampliar o conhecimento através do espaço, possibilita o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, que são objetivos do ensino de Sociologia no ensino médio. A obra de arte desperta e eleva a outra consciência humana, ela estabelece uma relação mais profunda entre o mundo externo e o “homem enquanto membro da sociedade de classe, da nação, enquanto microcosmos autoconsciente no macrocosmos do desenvolvimento da humanidade” (LUKÁKS, 1978, p. 296).

Segundo Antonio Candido (2006) aspectos históricos, sociais e culturais estão presentes no texto literário. E por meio dos referenciais teóricos da Sociologia, essas verdades podem ser questionadas, discutidas e avaliadas, reafirmadas ou desmentidas e as ideias podem ser reforçadas ou desconstruídas. De acordo com Orlandi

¹ Também utilizaremos os passos da Pedagogia Histórico-Crítica propostos por Saviani que seguindo os fundamentos teóricos da Teoria Histórico-Cultural nos ofertou, para o objetivo que propomos, construir uma proposta de sequência didática que seja significativa para o aluno por meio da literatura, um método seguro que leva o aluno ao aprendizado.

(2003, p. 58) “Não é só quem escreve que significa, quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cujas especificidades estão em serem sócio-históricas”. As teorias sociológicas funcionarão como um alente de aumento para desnaturalizar, através da obra literária, a realidade social em que o aluno está inserido.

É necessário ressaltar o fato de que a disciplina de Sociologia no Ensino, ainda é uma matéria a ser firmada e respeitada e para isso deve cada vez mais apresentar as ferramentas necessárias para que os alunos possam enxergar as relações sociais de forma crítica, podendo captar os seus nexos causais através das atividades propostas em sala de aula. O conhecimento sociológico é um instrumento de emancipação social. Auxilia o educando a reconhecer o seu lugar no mundo do qual faz parte e seus direitos, do mesmo modo que o desperta à necessidade de fala, compreendendo as disputas pelas definições de “verdades”. Temas como divisão social do trabalho, classe e luta de classes, revolução e ideologia tratados à luz dos conhecimentos sociológicos são fundamentais no Ensino Médio para a valorização do bem comum e da coletividade, sendo importantes para a emancipação social dos jovens e, conseqüentemente, mudanças estruturais no país. No entanto, para que a meta de gerar cidadãos críticos e transformadores através da disciplina ocorra é imprescindível que se desenvolva materiais didáticos cada vez mais eficientes para auxiliar a aprendizagem dos alunos e a dinâmica do professor em sala de aula. Segundo Santos:

Apesar das variações apresentadas por teóricos do uso da literatura no ensino da Sociologia: a partir da literatura, o professor de Sociologia é capaz de apresentar conceitos sociológicos condizentes com a estrutura das aulas de Sociologia. A literatura expressa certas características dos grupos sociais e “essas visões de mundo são constituídas pela vivência histórica desses grupos, formada pela ação dos indivíduos, que são construtores dessa experiência” (Santos, 2008, p. 4).

Pois, como aponta Nóvoa

Um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a “duas velocidades: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação. Por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem e nas tecnologias, destinadas a formar os filhos dos ricos. (2009, p. 64).

O que torna um entrave ao próprio desenvolvimento de uma educação que não reproduza ou mantenha as desigualdades sociais da sociedade capitalista no Brasil, pois essa concepção de educação reservada aos filhos dos trabalhadores na prática se efetiva

por meio da oferta de material didático² como afirma Moraes (2010), que não passou por um processo de crítica especializada. A esse fator somam-se muitos outros que contribuem para a perda de reconhecimento da escola pública brasileira como um espaço de conhecimento, constituindo assim aquilo que os autores chamam da perda de sentido da educação que foi institucionalizada no Brasil³.

Temos aqui primariamente elencados dois desafios que não podem ser superados em separado, mas apenas em conjunto eficazmente, pois são interdependentes. Seria ingênuo de nossa parte discutir novas metodologias de ensino, o uso da Literatura para desenvolver no aluno o pensamento sociológico, por meio das teorias sociológicas, sem que considerássemos que existe um importante dique à implementação de qualquer metodologia que rompa com a visão encolhida⁴ estabelecida pelas políticas do Banco Mundial para as escolas dos países pobres e que foram implementadas nas últimas décadas com a chegada do neoliberalismo no Brasil. E que reverbera nos mais amplos aspectos da sociedade brasileira, e internamente no ambiente escolar, nas condições de trabalho dos profissionais da educação, do funcionamento das escolas por falta de investimento e prestígio, na composição do currículo e na oferta de materiais didáticos que foram avaliados previamente e que se adequam às necessidades pedagógicas da sala de aula no contexto brasileiro de apenas duas aulas por semana no Ensino Médio, o que limita a apreensão dos alunos das teorias sociais e a reflexão no contexto da sala de aula, pois se de um lado o professor precisa junto com os alunos discutir as teorias e provocar o debate, de outro as horas disponíveis se comporta como uma barreira ao desenvolvimento dos conteúdos propostos pelos documentos oficiais, fazendo com que na formação do educando a didática do profissional em sala de aula seja diretamente impactada quanto a isso.

Conhecidos os grandes desafios da escola pública brasileira e as necessidades colossais da classe trabalhadora para se chegar à cidadania plena no Brasil que propomos o uso da Literatura como metodologia de ensino para que o aluno

² Os livros didáticos de Sociologia, como boa parte dos livros do ensino médio, ainda não passaram por um processo de crítica especializada, tal como vem acontecendo há mais de uma década pelos livros do ensino fundamental. (Moraes, 2010, p. 2).

³ A presença marcante de profissionais com formação em outras áreas ministrando a disciplina de Sociologia nas escolas. A situação geral da escola pública, a falta de infraestrutura, a violência física e simbólica que passou a ocupar esse espaço. Como podemos notar alguns fatores, mas não somente esses, contribuem para a perda de reconhecimento da escola pública brasileira como um espaço de aprendizagem e de conhecimento.

⁴ Dessa forma, a política do Banco Mundial para as escolas de países pobres assume duas características pedagógicas: atendimento a necessidades mínimas de aprendizagem e espaço de convivência e acolhimento social. (LIBÂNEO, 2012).

aprenda a pensar sociologicamente. Pois visamos demonstrar que o emprego da literatura nas aulas de Sociologia, pode ajudar a capacitar o aluno a pensar sociologicamente a sociedade em que vive, fazendo com que se rompa o ciclo da alienação que persiste no ambiente escolar das escolas estaduais de nível Médio, perpetuando as desigualdades sociais, ao capacitar os filhos da classe trabalhadora para desenvolver tarefas simples no mundo do trabalho, já que

O que lhes foi oferecido foi uma escola sem conteúdo e com um arremedo de acolhimento social e socialização, inclusive na escola de tempo integral. O que se anunciou como um novo padrão de qualidade transformou-se num arremedo de qualidade, pois esconde mecanismos internos de exclusão ao longo do processo de escolarização, antecipadores da exclusão na vida social. (LIBÂNEO, p. 24, 2012).

Já as escolas particulares capacitam os filhos das classes médias a desenvolver tarefas complexas, e assim ganhar melhores salários e culturalmente e economicamente determinar os rumos de nossa sociedade.

Escolhemos a obra literária, como um prismado mundo social para enriquecer as aulas de Sociologia, porque a literatura representa uma perspectiva social do mundo da qual é reflexo direto. E os temas levados à sala de aula devem ser importantes no cotidiano dos educandos, mas devem ser articulados com teorias e conceitos. O uso das teorias compreende seu conhecimento no contexto de seu desenvolvimento, como se desenvolveu posteriormente e a trajetória de vida dos autores, o contexto histórico, nesse ponto encontramos uma congruência entre a teoria sociológica e a realidade a ser conhecida pelo aluno de forma desnaturalizada.

Nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, o uso das obras literárias (representação de uma dada realidade social e humana), devido ao seu poder humanizador⁵ e de levar o homem moderno para além das restrições da vida cotidiana, marcada pelos dilaceramentos da especialização moderna, constitui-se em importante método de reaver no aluno o resgate da totalidade, o libertar, mesmo que precariamente, de uma educação que forma especialistas (o que também não se tem como objetivo nas escolas públicas, já que sofre o esvaziamento dos conteúdos científicos frente as propostas de uma escola que tem como objetivo desenvolver cada vez mais as competências socioemocionais), mas de o formar enquanto cidadão com suas diversas potencialidades.

⁵O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2004, p. 180).

Quanto à importância dos estudos literários, vale nos lembrar o porquê de estudá-los mais a fundo:

Os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência e sua maior potência de significação [...]. Opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação, porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento, porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis [...] (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 18).

Tanto na prosa quanto na poesia, a literatura traz traços marcantes da vida dos povos e de suas tradições, hábitos e costumes, também as produções, aspirações, repulsas e temores dos povos, em cada época, independente da classe social, nacionalidade, raça ou cor através de um mundo idealizado mimeticamente⁶.

A literatura deve ser lida porque oferece um meio de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no tempo e no espaço, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (ANTOINE COMPAGNON, 2012, p. 60)

Um dos fatores responsáveis pela escolha da literatura como procedimento metodológico para o ensino de Sociologia, é que a literatura possibilita o exercício da alteridade, permite o próprio conhecimento através da compreensão do outro.

Ele experimenta realidades que, de outro modo, na plenitude oferecida pela época, ser-lhe-iam inacessíveis; suas concepções sobre o homem, sobre suas possibilidades reais positivas ou negativas, ampliam-se em proporções inesperadas; mundos que lhe são distantes no espaço e no tempo, na história e nas relações de classe, revelam-se a ele na dialética interna daquelas forças cujo jogo exterior lhe oferece a experiência de algo que lhe é bastante estranho, mas que ao mesmo tempo pode ser posto em relação com sua própria vida pessoal, com sua própria intimidade. (LUKÁCS, 1978, p.291).

Isso acontece porque, ao apelar para as emoções e a empatia, a literatura percorre um espaço da experiência humana que é negligenciado ou preterido por outros discursos, como o filosófico, incluindo-se aí o discurso sociológico. Contudo, esse enriquecimento é um enriquecimento da personalidade do indivíduo, e somente dela. E essa personalidade, assim como a própria obra, é determinada em um sentido classista, nacional, histórico, etc. A obra gera um enriquecimento sobre as experiências vividas pelo indivíduo, somando-se a elas. A arte não transforma a pessoa em outra, mas enriquece sua personalidade individual através do desfrute artístico, ou seja, do encontro entre as experiências passadas da pessoa e as novas impressões provocadas pela arte. “A eficácia da grande obra consiste precisamente no fato de que o novo, o original, o

⁶ Recriação da realidade na obra literária.

significado obtém a vitória sobre as velhas experiências do sujeito receptivo”, diz Lukács (1978, p. 293).

Por meio dessa argumentação, Lukács quer dizer que as representações através das obras literárias são instrumentos de análise que contribuem na compreensão do contexto sociocultural e político no qual a obra foi confeccionada, que a arte opera diretamente sobre o sujeito. O reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos indivíduos em suas relações recíprocas, no interior da relação entre homem e natureza, é um elemento de mediação, é um meio de provocar o crescimento do sujeito, e portanto, um instrumento de conhecimento da própria humanidade. Por isso a eficácia de uma obra literária é sua capacidade de ampliação da experiência humana, em um aprofundamento da consciência.

A sociedade capitalista exige formação e especialização e a escola tornou-se responsável por fornecer os subsídios necessários a cidadãos dispostos a desempenhar atividades profissionais, com o intuito de representar um papel social no ambiente em que está inserido. O preparo escolar é imprescindível à formação de qualquer cidadão na sua atuação como parte de uma sociedade e na sua formação profissional, para que possam enfrentar as exigências e as contradições da sociedade, inserida em um contexto histórico, social e cultural no qual a linguagem se faz presente em diversas e diferentes fontes e formas.

Serão vários os passos desenvolvidos nesta pesquisa, a partir da literatura pensaremos novas práticas pedagógicas que auxiliem no ensino dos temas e conceitos da Sociologia em sala de aula. Faremos uma análise da presença do tema “trabalho” nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia, visando compreender se o trabalho, fundamento do mundo social na teoria marxista é contemplado no currículo com espaço e diversidade suficiente para que possa ser trabalhado em sala de aula e levar o aluno a uma conscientização a seu respeito, pois o currículo expressa uma fronteira ao que deve ser trabalhado pedagogicamente no Ensino Médio, assim como determina a sua existência nos livros didáticos, compreendendo assim, importante momento desta pesquisa. Iremos também definir, a partir das obras de Karl Marx e do marxismo, o que se entende por trabalho e sua importância e contribuição para a compreensão da realidade social em que vivemos.

Outro passo importante desta pesquisa é a análise reflexão de como a literatura transmite uma experiência entre o homem e o todo que o cerca, o seu poder humanizador, de levar o homem para além das restrições da vida cotidiana, marcada

pelos dilaceramentos da especialização moderna, de como a literatura pode reaver no aluno o resgate da totalidade. Contempladas essas etapas na pesquisa, elaboraremos uma proposta de material didático de Sociologia, pelo qual o professor, usando a literatura possa trabalhar o tema trabalho com os alunos nas aulas de Sociologia.

Examinaremos as possibilidades do uso da literatura como material pedagógico para o ensino de Sociologia nas salas de aulas das escolas públicas brasileiras. E para isso desenvolveremos a pesquisa em várias partes específicas, como modo de preparar não apenas uma proposta de sequência didática que de fato possa levar ao conhecimento do objeto, mas também o professor, de todos os aspectos que diretamente impactam os resultados de sua implementação e que o enriqueçam teoricamente para a sua abordagem em sala de aula.

Objetivamente dividiremos a pesquisa em três partes fundamentais. A primeira parte, que se expressará na forma de um capítulo compreenderá uma análise bibliográfica-documental nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos documentos oficiais⁷ do tema trabalho,⁸ para entender qual a sua competência particular no ensino de Sociologia, já que é conceito estruturador da própria disciplina. Por isso procuraremos esclarecer que competências e habilidades o aluno, segundo os documentos oficiais, deve desenvolver em sala de aula. Também especificaremos o que é o trabalho dentro do campo do marxismo, já que compreendemos o trabalho como base dinâmico-estruturante do ser social, a partir do qual se desenvolvem todos os outros complexos sociais. Para isso usaremos os principais referenciais teóricos marxistas.

⁷ LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.

PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias.

⁸ Para Marx o trabalho é [...] um processo entre o homem e a natureza, processo este que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013 [1867], p. 255).

O trabalho para Marx é “um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.” (Marx, 1989, p. 2002).

O segundo capítulo compreenderá outra pesquisa de caráter bibliográfico a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses para que se estabeleça de forma sucinta o estado da arte do ensino de Sociologia e de outras ciências por meio da literatura. Em especial, para discutir teoricamente a validade da literatura, revelar as suas características próprias, essas que utilizaremos como mecanismos e instrumentos para reaver a totalidade humana perdida no contexto da especialização e da divisão técnica do trabalho na moderna sociedade capitalista⁹ nos estudantes.

Procuraremos responder à pergunta: que contribuições a literatura traz para o ensino de Sociologia?

Neste capítulo usaremos autores como Antônio Soares Amora (2010), Terry Eagleton (2006), Adriana Facina (2004), Gyorgy Lukács (1978), Leandro Konder (1967) etc. para teoricamente definir qual o papel da literatura, o que ela pode informar sobre a realidade e que mundo social a obra de arte, em especial a literatura, concretamente revela.

Neste contexto, procuraremos entender a teoria estética lukacsiana, esclarecer algumas categorias analíticas que o autor elabora e utiliza ao longo de toda a sua obra “A Teoria do Romance”. Pois o ponto fundamental para a compreensão da obra de Lukács e que justificará o uso da literatura como material didático nas aulas de Sociologia, é a sua crítica à consciência reificada, construída com base na teoria do fetichismo da mercadoria de Marx. Essa teoria argumenta que a mercadoria aparece para a sociedade com uma relação social que exclui os indivíduos, os produtores, tornando-se apenas uma relação entre coisas. A divisão técnica do trabalho nas sociedades capitalistas impediria o trabalhador de se apropriar do significado final do seu trabalho, excluindo-o, assim, dessa relação. Nesse sentido, o capitalismo reificaria e fragmentaria a vida e as experiências humanas.

A partir das ideias de Lukács expressas acima, exploraremos em sua teoria da Sociologia da Literatura a compreensão do autor de que a relação entre a literatura e a sociedade é algo complexo, em que a literatura não poderia ser apenas uma cópia fiel da realidade, já que esta se encontra mascarada, isto é, reificada em sua amplitude. Exploraremos que a arte, ao contrário disso, desvenda as faces da realidade, traz à tona a dimensão contraditória que nos é pouco acessível cotidianamente. Para Lukács um dos

⁹ A divisão manufatureira do trabalho é desta forma, uma criação absolutamente específica do modo de produção capitalista. Na qual prevalece a “autoridade incondicional do capitalista sobre homens que constituem meras engrenagens de um mecanismo total que a ele pertence” (Marx, 2013, p. 430).

papéis da arte é medir a relação entre o indivíduo e a totalidade da realidade. Em sala de aula do aluno em relação ao mundo social que o envolve e do qual participa cotidianamente.

A terceira parte, que compreenderá um terceiro capítulo, será uma proposta de sequência didática onde faremos uma análise sociológica do romance *Tempos Difíceis* de Charles Dickens sobre a Londres do século XIX, com as quais faremos uma aproximação com a sociedade contemporânea para entender o contexto social, e especialmente no que concerne ao tema trabalho, fazer o diálogo entre a condição da população londrina do século XIX, a nascente sociedade industrial, e os trabalhadores dos centros urbanos atuais.

Devido esse contexto em que a sequência didática se coloca como uma estratégia possível e eficaz, é preciso compreender como ela pode ser utilizada para melhorar o aprendizado do aluno em sala de aula. Uma sequência didática é uma estratégia, onde se usa um conjunto de inovações e ferramentas para melhorar o aprendizado dos alunos. A sequência didática está relacionada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (2002), e cada vez mais é utilizada na produção de materiais didáticos. Ela busca ajudar os alunos a resolverem uma ou mais dificuldades reais sobre um tema específico. Seu resultado vem a partir da construção e acumulação de conhecimento sobre o assunto em questão, obtido por meio do planejamento e execução, ao longo de um período de tempo, de várias atividades que conversam entre si. O diferencial da sequência didática enquanto estratégia de melhoria do aprendizado dos estudantes é que as atividades são elaboradas e desenvolvidas seguindo uma lógica sequencial de compartilhamento e evolução do conhecimento. Com essa estratégia, os professores esperam dar mais sentido ao seu processo de ensino e, ao mesmo tempo, aumentar o engajamento dos alunos nas atividades pedagógicas, e, com isso, seu aprendizado.

O primeiro passo da sequência didática que iremos propor para ser posteriormente desenvolvida com os alunos durante as aulas de Sociologia do Ensino Médio, será a apresentação aos alunos dessa estratégia e a sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Assim como estabeleceremos junto com os alunos os resultados esperados e como essa sistemática será executada.

O segundo passo será determinar juntos com os alunos os objetivos e as finalidades da sequência didática. Abriremos espaço para que os alunos possam expressar o que sabem e o que pensam sobre o tema por meio de uma roda de conversa

e conseqüentemente a produção de um texto. E de acordo com as dificuldades dos alunos definiremos o(s) objetivo(s) da seqüência didática.

O terceiro passo da seqüência didática será a leitura de trechos da obra de Karl Marx e de autores marxistas que analisam a condição do trabalho na sociedade capitalista como Friedrich Engels e Gyorgy Lucáks. Os textos serão lidos em uma roda de conversa por meio de leitura compartilhada, assim como os alunos também farão a leitura individual dos mesmos textos em casa.

Depois de lidos os textos teóricos os alunos farão a leitura de trechos da obra literária *Tempos Difíceis* de Charles Dickens, o ideal é que o aluno faça a leitura integral da obra. No entanto, por falta de disponibilidade de tempo e de recursos, e para que não se faça recortes, quase que estereotipados, da realidade complexa que o autor retrata em sua obra, será feita pelo professor uma exposição da obra em seu todo, para que os alunos compreendam a totalidade das ideias expressas pelo autor e o desenvolvimento do romance em seu todo na figura de seus personagens e do contexto social, político, cultural e econômico em que a história se desenvolve.

O quarto passo da seqüência didática será a análise do que foi aprendido ao longo da execução das atividades da seqüência didática proposta. Faremos uma nova produção de texto referente aos conhecimentos dos alunos acerca do trabalho humano na sociedade capitalista. E o compararemos com a primeira produção de texto que foi feita na primeira fase da implementação da seqüência didática, onde testamos os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema trabalho.

Escolhemos para nos orientar metodologicamente e teoricamente a Teoria Histórico-Cultural, devido a sua relação entre educação e formação humana¹⁰valorizando o papel da instituição escolar como meio para a apropriação do conhecimento sistematizado, pensamento com o qual corroboramos.

Do mesmo modo, escolhemos para fundamentar esta pesquisa, os ideais da Pedagogia Histórico- Crítica de Saviani (2007), enquanto didática para a prática docente tendo como interesse apoiar a prática em sala de aula dos professores de Sociologia que leve ao desenvolvimento e a autonomia do adolescente, na forma de compreensão do mundo em vive e possa interpretar criticamente os fenômenos sociais que ocorrem no seu cotidiano, levando dessa forma a uma transformação social.

¹⁰Já que o homem constitui-se como sujeito da cultura em um ambiente sócio-histórico.

1. O CONTEXTO DA ESCOLA DO ALUNO TRABALHADOR NAS SOCIEDADES INDUSTRIAIS E O TEMA TRABALHO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE NORTEIAM O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

Não é por acaso que essa pesquisa escolheu o tema trabalho proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio da disciplina de Sociologia, pois o trabalho configura-se como uma necessidade para os jovens, aparecendo muito precocemente em suas vidas. Na maioria das escolas públicas de Ensino Médio brasileiras grande parte dos jovens está inserida no mercado de trabalho, e os motivos para isso são basicamente, a necessidade de ter renda para ajudar a família e ganhar experiência para ter mais facilidade de entrar no mercado de trabalho, e portanto os alunos e a sociedade enxergam isso de forma positiva. Mas as pesquisas sobre o rendimento escolar e a possibilidade do aluno trabalhador melhorar suas condições materiais de existência, revelam um quadro totalmente oposto.

E esse trabalho tem por objetivo levar os alunos e os profissionais da educação a refletirem sobre as condições do trabalho no interior das sociedades capitalistas e a problemática da articulação entre escola pública e mundo do trabalho no Brasil sem nunca perder de vista as ações necessárias para reverter este cenário que compromete o desenvolvimento do país, constituindo-se o uso da literatura nas aulas de Sociologia, como uma possibilidade de resgatar a totalidade humana, perdida pela execução de tarefas fragmentadas que envolvem o trabalho docente e discente nas escolas.

Para que isso se concretize, para que o nosso objetivo de por meio da literatura, desnaturalizar a situação do trabalho nas sociedades capitalistas em sala de aula, faz-se necessário entender o contexto da maioria das escolas públicas brasileiras nas quais estão inseridos os alunos os professores e todos os demais profissionais que diretamente ou indiretamente influenciam na formação¹¹ dos alunos e na organização da escola. Portanto traçaremos agora um perfil geral da situação da escola pública e dos alunos trabalhadores, começando pela situação dos alunos trabalhadores, passando pelas condições de trabalho que acometem os profissionais da educação, como o trabalho fragmentado. Também discorreremos sobre o tema trabalho nos escritos marxistas e por fim concluiremos o capítulo com uma análise do tema trabalho nos documentos oficiais, fazendo a seguinte pergunta: o que se espera em relação ao tema trabalho que o aluno aprenda no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras?

¹¹ Práticas pedagógicas.

Quando falamos atualmente das escolas públicas brasileiras, temos que levar em consideração uma distinção que a cada dia ganha força, e que compõem mais um dos fatores alienantes que alimentam os discursos e as políticas educacionais de acordo com os interesses econômicos. De acordo com SAVIANI (2002, p. 2)

Outro componente dessa visão ideológica é que os conhecimentos que a população precisa dominar são mais os do dia a dia. O importante não é estar empregado, mas ser empregável. Ser empregável significa ter flexibilidade e capacidade de adaptação. E você se adapta na medida em que convive, se relaciona. Então os conhecimentos sistemáticos tendem a ser secundarizados. A questão que se põe que precisa ser pensada é se isto tenderia a alterar substantivamente o caráter da escola. Se isto é um indicador de que a sociedade está mudando e que, com a mudança da sociedade, a natureza da escola também está mudando.

Ainda SAVIANI (2005) em sua teoria Histórico- Crítica destaca como objetivo central da escola o saber. Que é o saber que deve direcionar o trabalho pedagógico. O fim da escola é atingir a transmissão-assimilação do saber sistematizado, elaborado, científico, a cultura letrada.

Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir, ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem. (SAVIANI, 2005, p. 7)

Portanto, como ressaltamos acima, a função da escola pública, cada vez mais deixa de cumprir o seu papel principal que é educar e formar o cidadão, está voltada para as necessidades de mercado econômico, em construir indivíduos capazes de atuar e satisfazer as necessidades desse mercado, influenciados pelo discurso de que essa é a única forma para melhorar as suas condições de existência e usufruir da democracia. O que resulta na descaracterização do indivíduo, pois ele deve pensar e fazer o que interessa ao crescimento econômico. E a presente pesquisa pretende não só demonstrar esse aspecto da realidade social no nosso tempo, mas contribuir para mudar esse quadro, pois não pretendemos ampliar as formas de exploração e desvalorização do homem, e sim propor metodologias de ensino que resgatem a totalidade humana e levem o indivíduo à realização da vida plena. Essa pesquisa não é crítica em relação ao aluno trabalhar desde o Ensino Médio, de acordo com a legislação vigente, já que o homem interage com a natureza por meio do trabalho, instrumento material de sua atividade

vital. “Por isso o trabalho é humanamente imprescindível ao homem desde sempre”. (FRIGOTTO, 2002, p. 12).

O trabalho como princípio pedagógico está fundamentado nos escritos de Marx, segundo Gaudêncio Frigoto (2002), uma escola que tem a compreensão do trabalho como princípio pedagógico, está no caminho de se tornar uma escola unitária¹², ou seja, uma escola que compreende que todos devem ter acesso aos conhecimentos histórico-culturais, sociais, científicos, tecnológicos, e que estes saberes levem os estudantes à sua emancipação socioeconômica. Estudantes estes que passam a escolher a sua profissão pelo prazer de um trabalho que torne a sua vida mais digna e não somente que melhore sua condição financeira, pois uma educação que vise à cultura letrada, o saber científico e elaborado cria mecanismos para que os pobres possam ocupar as profissões que na sociedade capitalista, são ocupados apenas pelos ricos.

A escola e os educadores têm se preocupado com o trabalho nos discursos e documentos oficiais. Se não existe sociedade sem o homem e homem sem trabalho é porque o trabalho se constitui parte inseparável da existência humana. É pelo trabalho que os homens estabeleceram suas relações sociais e produzem tanto as condições materiais quanto as condições expeditivas de sua existência. O trabalho é a base e mediação entre o homem e a natureza “ao transformar a natureza em busca de satisfazer suas necessidades ele transforma o mundo e a si mesmo (Marx, 1999). Nesta busca constante de transformação tanto nas condições materiais como na maneira de pensar e agir, o trabalho vem sendo utilizado como instrumento de alienação.

A educação pública no ensino fundamental e médio frequentada em grande parte pelos filhos da classe trabalhadora cumpre um papel ideológico no capitalismo, pois é nas escolas públicas que é ensinado aos estudantes a ideologia dominante, e reproduz a sociedade vigente.

A história social está envolvida em uma constante luta para a superação das condições de vida pela maioria dos indivíduos. Isso expressa a existência de contradições em relação à força utilizada pela classe dominante exercida para a manutenção e fixação da forma como a sociedade, sua atividade produtiva, as relações entre os homens e a ideologia são produzidas, segundo seus

¹² O “princípio unitário” relaciona-se à luta para a igualdade social, para a superação das divisões de classe que separam a sociedade entre governantes e governados. Ao delinear o “programa escolar” que deveria servir de guia para a organização de um centro de cultura integrado à luta ideológica para a conquista da hegemonia, Gramsci assinala que o princípio unitário ultrapassa a escola como instituição: “O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário se refletirá, por isso, em todos os organismos de cultura, transformando-os e dando-lhes um novo conteúdo”.

interesses. É nesse sentido que a formação dos indivíduos se dá, também, pela produção de um conjunto de ideias sobre o mundo, a vida e a natureza humana – e que são reiteradamente afirmadas como imutáveis, como verdades absolutas. Essas ideologias orientam os indivíduos para uma crença sobre a condição humana cuja gênese não pode ser conhecida, de uma natureza não terrena, de uma força à história dos homens. (FILHO, 2015, p. 81-82)

A escola ainda reforça a divisão fundamental entre o trabalhador manual e o intelectual. E escola é a essência do trabalho intelectual, o processo de difusão e assimilação de conhecimentos é uma forma de trabalho, pois exige dedicação e disciplina, esforço mental.

De acordo com Saviani em “Sobre a Natureza e Especificidade da Educação”

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2003, p. 1)

Destacamos que o momento em que o trabalho se consolida na escola é quando a transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pelo homem e a produção de um novo conhecimento se dá a partir destes saberes. Este é o ápice do trabalho intelectual se realizando na escola.

Temos aqui primariamente elencados dois desafios que não podem ser superados em separado, mas apenas em conjunto eficazmente, pois são interdependentes. Seria ingênuo de nossa parte discutir novas metodologias de ensino, o uso da literatura para desenvolver no aluno o pensamento sociológico, por meio das teorias sociológicas, sem que considerássemos que existe um importante movimento de esvaziamento dos conteúdos científicos do currículo escolar.

Frente aos grandes desafios da escola pública brasileira e às necessidades da classe trabalhadora para se chegar à cidadania plena no Brasil que propomos o uso da literatura como metodologia de ensino para que o aluno aprenda a pensar sociologicamente¹³. Pois visamos demonstrar que o emprego da literatura nas aulas de

¹³ O ensino de Sociologia não se prende aos resultados que chegaram os cientistas sociais, nem ao resumo das obras, mas de certa forma às questões que eles se colocaram e ao percurso – estratégias de construção do conhecimento? – que eles descreveram. É ainda, de certo modo, produzir o conhecimento sobre o conhecimento, ou a consciência sobre a metodologia desenvolvida. (Moraes, p. 6, 2010).

Sociologia pode ajudar a capacitar o aluno a pensar sociologicamente a sociedade em que vive, fazendo com que se rompa o ciclo da alienação que persiste na escola pública brasileira, perpetuando as desigualdades sociais, ao capacitar¹⁴ os filhos da classe trabalhadora para desenvolver tarefas simples no mundo do trabalho.

O que lhes foi oferecido foi uma escola sem conteúdo e com um arremedo de acolhimento social e socialização, inclusive na escola de tempo integral. O que se anunciou como um novo padrão de qualidade transformou-se num arremedo de qualidade, pois esconde mecanismos internos de exclusão ao longo do processo de escolarização, antecipadores da exclusão na vida social. (LIBÂNEO, p. 24, 2012).

Já as escolas particulares capacitam os filhos das classes médias a desenvolver tarefas complexas, e assim ganhar melhores salários e culturalmente e economicamente determinar os rumos de nossa sociedade.

Procuramos abordar com os estudantes de que forma eles percebem a sociabilidade humana, a divisão do trabalho e suas implicações, bem como conjecturar possíveis alternativas para os problemas apontados.

Em primeiro lugar, o trabalhador não se reconhece no produto, ele passa a ser uma engrenagem da grande máquina projetada pelos especialistas e comprada pelos patrões. O produto não evoca nada, sua relação com o processo produtivo está definida por um contrato no qual ele vende a sua força de trabalho e o patrão a compra. É, portanto, o valor do salário que passa a ser a medida de seu reconhecimento. Em segundo lugar, o trabalho é o lugar da purgação, é o fardo da sobrevivência. O trabalhador não se sente ligado aos demais homens. Por não se reconhecer no trabalho, ele não reconhece parte essencial do ser humano enquanto espécie, sua vida não está ligada à dos demais. Em síntese, alienado de seu trabalho, de sua humanidade e dos outros homens, a alienação é total no capitalismo. Com isso os trabalhadores deixam de ter uma recompensa natural pelo trabalho desenvolvido, passando a produzir apenas certa parte de um todo, que isoladamente não possui valor algum (Marx, 2013).

A importância da análise nos textos clássicos de alguns autores da Sociologia é compreender quais as transformações ocorridas no universo do trabalho a partir da moderna sociedade industrial e que vigoram até hoje e quais as suas consequências para a classe operária, pois a escolarização se dá num ambiente de luta de classes, e está alinhada ao modo de produção capitalista na sociedade brasileira e por isso, pelos

¹⁴ A formação para o trabalho compreendido não como emprego, mas como fundamento da atividade social produtiva das condições de vida, desenvolvimento e consciência dos homens, então está muito longe de se realizar em razão dessa constante “luta ideológica” (LEONTIEV, 1978).

documentos oficiais, não nos mostra a crer que apresente algum movimento no sentido de ruptura, mas sim está imbricada no complexo plano ideológico de controle da subjetividade do trabalhador. Essa análise histórica das condições de trabalho na sociedade capitalista é que irá nos nortear como fundamentação teórica e metodológica para analisar o tema trabalho em suas proposições nos documentos oficiais por meio da literatura. Ou seja, é possível através de uma obra literária, a qual entendemos capazes de resgatar a totalidade humana, chegar a um entendimento do que é o trabalho e como se encontra na sociedade contemporânea, de acordo com Karl Marx, nas aulas de Sociologia no Ensino Médio? Essa questão procuraremos responder, pois a educação por meio da arte pode fomentar os sentimentos do ser humano e equilibrá-lo com a sua natureza e a cultura, dois aspectos essenciais que compõem a totalidade humana e se sobrepõem à alienação produzida pela especialização moderna na lógica de colocar os homens a serviço das necessidades do capital.

Tornou-se necessário nesta pesquisa, retornar a Gramsci, para que tomássemos consciência dos processos históricos que foram responsáveis pelo esvaziamento do modelo educacional proposto no iluminismo, que valoriza os conteúdos científicos (das ciências da natureza e das ciências sociais). Pois se uma das essências desta pesquisa é levar ao aluno atividades pedagógicas que desenvolvam neles o pensamento elaborado, e os permitam compreender o mundo social que os cercam, cabe-nos expor aqui os fatores responsáveis pelas transformações que sofreram o currículo escolar, e como a finalidade da escola foi se transformando no último século. Encontramos na literatura sociológica, uma importante análise, feita por Gramsci da reforma Gentílica, que nos permite compreender as engrenagens últimas que foram responsáveis por extrair de forma cada vez mais incisiva os conteúdos das humanidades do currículo escolar, alienando o aluno, futuro cidadão¹⁵, somente a reprodução do capital no modelo de produção capitalista.

Para Gramsci, a indústria moderna exigiu a formação de um novo operário, e por conta disso, a escola foi posta a serviço dessa nova organização do trabalho. Segundo Gramsci (2004, p. 32) “as atividades práticas se tornaram tão complexas, e as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que cada atividade prática tende a criar uma escola [técnica] para os próprios dirigentes e especialistas”. Ao mesmo tempo em que vigorava a escola, humanista “[...] destinada a desenvolver em cada indivíduo humano a cultura

¹⁵ “forma política de reprodução do capital” (TONET, 2007, p. 30).

geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber orientar-se na vida” (GRAMSCI, p. 33), dessa forma foi se estabelecendo um sistema de ensino voltado a ensinar um conteúdo específico para cada atividade prática profissional.

A escola profissional para Gramsci carrega um caráter democrático, já que é resultado de uma ampliação do sistema de ensino, que acaba garantindo o acesso a um número maior de indivíduos à educação formal. Entretanto Gramsci enuncia o propósito desse modelo escolar, de satisfazer aos interesses práticos imediatos da indústria moderna, qualificar os operários para manusear as máquinas, objetivo tal que tornava essa escola o modelo educacional dos filhos da classe trabalhadora.

Para compreender o modelo educativo de Gramsci, temos que compreender a velha escola, antes da reforma de Gentile¹⁶, quando o princípio educativo era o ideal iluminista, ou seja, o que orientava a formulação do currículo eram os conteúdos que transmitiam o legado histórico produzido pela humanidade¹⁷. Gramsci aponta como uma das principais consequências da reforma de Gentile, a chegada dos alunos à escola média sem conhecimentos de humanidades.

Gramsci (2004) expõe que antes da Reforma Gentílica, essa diferenciação dos conteúdos e dos objetivos da educação ocorria apenas entre os cursos universitários e os cursos profissionalizantes. Portanto com a Reforma, a diferenciação acontece entre a escola primária e a média e a superior. O autor também destaca que a organização das escolas para a formação de especialistas aconteceu de modo desorganizado “[...] sem princípios claros e precisos [...] (Gramsci, 2004, p. 33), que além de abandonar o princípio humanista que determinava o currículo, entrou em crise, já que no lugar do antigo princípio que organizava a escola, nenhum outro foi empregado.

O que estava em discussão na Itália, em relação a Reforma de Gentile, no contexto do nacionalismo e do patriotismo como ideologia dominante, era que princípio deveria nortear a educação, e o que nos interessa compreender nessa análise das ideias

¹⁶ A Reforma Gentile, lançada em 1922-3, previa, depois do ensino elementar uniformizado de cinco anos, um treinamento profissional ou a estrada da escola técnica, da escola principal, e dois liceus, o científico e o clássico, aos quais se elevava depois de cinco anos de ginásio. Somente o liceu clássico permitia o acesso a qualquer curso universitário, enquanto aos diplomados no liceu científico era concedida unicamente a universidade técnico-científica, e aos outros diplomados eram fechadas as portas da universidade. Escola superior para a elite e para parte da classe média; para a pequena burguesia e as massas populares, escola profissional e término dos estudos com a obrigação escolar de 14 anos. (VANZULLI, Marco, p. 9, 2013).

¹⁷ Sobre a função da educação em “transmitir o legado histórico aos novos indivíduos”, conferir Saviani (2003) e Tonet (2005).

de Gramsci acerca do papel da escola e do seu conteúdo formativo, é como se deu a origem de duas escolas com objetivos diferentes, uma voltada à formação técnica para os filhos dos trabalhadores e outra voltada à formação humanística para os filhos das classes dirigentes, o que reproduz as desigualdades latentes da sociedade capitalista até os dias atuais, no já século XXI. E com igual importância, destacar o papel do trabalho na formação do homem, e como esse se articula no contexto escolar.

Para Gramsci era necessária uma escola profissional, devido as grandes transformações dos processos produtivos, portanto uma que não fosse manual, para ele era necessário ao desenvolvimento da sociedade industrial que a escola formasse “um novo tipo de intelectual urbano”, visto que para o autor “a divisão fundamental da escola clássica em escola profissional era racional” (GRAMSCI, 2004, p. 34). Pois se a indústria se colocava como a base do sistema produtivo moderno, a escola deveria se preparar para formar os operários da indústria. O grande problema para Gramsci era que essa escola era a manifestação dos interesses da burguesia de perpetuar a forma de sociabilidade que determina a luta de classes ao separar ensino técnico manual e o ensino intelectual.

Devido ao processo de complexificação social, Gramsci ressalta a necessidade de alterar o sistema educacional responsável por separar a teoria da prática, que acaba por formar o técnico político, que supere a falta que esse tipo de formação gera das questões intrínsecas ao gerenciamento do processo produtivo, e do outro lado formar operários especialistas que fossem preparados para tomar decisões de caráter político. Para Gramsci o dirigente sem conhecimento prático, está restrito a um entendimento abstrato das questões sociais que o cercam, assim como não está capacitado a tomar decisões assertivas propostas pelos especialistas.

Para solucionar a crise do sistema educacional italiano, Gramsci (2004) propõe uma solução na forma de uma Escola Unitária, que equilibraria a formação manual e a intelectual. Entretanto para o autor somente depois do indivíduo adquirir “uma consciência moral e social sólida e homogênea” (GRAMSCI, 2004, p. 39), o aluno deveria ir para o ensino técnico ou para o processo de trabalho. Pois para ele, o aprendizado autônomo do indivíduo só deveria ocorrer quando este já tivesse se apropriado dos conhecimentos produzidos pela humanidade¹⁸.

¹⁸ Isso romperia com a cisão entre o ensino técnico destinado às classes subalternas e o ensino humanista, intelectual, destinado às classes dominantes.

Na proposta de Gramsci, o currículo deveria estar vinculado à função da escola em desenvolver o ensinamento de uma moral¹⁹ nos educandos, que garantisse a sociabilidade e o desenvolvimento da sociedade. Da mesma forma a escola deveria preparar os indivíduos e inseri-los no mundo do trabalho, sem nunca os restringir a uma educação apenas para o trabalho técnico como especialista, já que para Gramsci a escola unitária é uma escola de formação humanista

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, irá se refletir em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo. [...] Num novo contexto de relações entre a vida e cultura, entre trabalho intelectual e trabalho industrial as academias deveriam se tornar a organização cultural (de sistematização, expansão e criação intelectual) daqueles elementos que, após a escola unitária, passarão para o trabalho profissional, bem como um terreno de encontro entre estes e os universitários” (NOSELLA, 1992, p. 40, grifos nossos).

Gramsci (2004) descreve os detalhes metodológicos fundamentais da organização da Escola Unitária²⁰, os seus princípios e as finalidades que ela deve atingir. Começando pela proposta da necessidade de reformular a infraestrutura das escolas e ampliar o corpo docente nas escolas públicas. Trazendo a discussão para os dias atuais, podemos concluir que a mercantilização da educação dialoga diretamente com a busca incessante pelo lucro na sociedade capitalista.

A função da escola para Gramsci é a preparação dos novos indivíduos para a vida em sociedade, ensinando-lhes a relação entre o modo de organização social e a transformação da natureza pelo homem. Pois o que determina para o autor o processo de aprendizagem é o trabalho compreendido como atividade teórico-prática.

Gramsci dispõe que:

[...] o princípio educativo no qual baseavam as escolas primárias era o conceito de trabalho, que não pode se realizar em todo seu poder de expansão e de produtividade sem um conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem legal que regule organicamente a vida dos homens entre si, ordem que deve ser respeitada por convicção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta a si mesmo como liberdade e não por simples coerção. O conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola primária, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural pelo trabalho. (GRAMSCI (2004, p. 43)

¹⁹ A moral que Gramsci propõem pode ser entendida como um conjunto de normas e valores que regem uma sociedade e que seriam imprescindíveis à convivência dos seres humanos.

²⁰ Para Gramsci um ponto importante que a Escola Unitária deveria desenvolver, é a promoção de uma escola criadora, que por meio da disciplina, elevaria todos os alunos a um mesmo nível de cultura, o que promoveria a autonomia do educando.

As escolas primárias, segundo Gramsci, antes da Reforma Gentile estavam organizadas de modo a ensinar aos alunos as leis naturais e sociais. Pois o trabalho, que é o princípio educativo imanente a essa escola primária, é o elemento determinante da sociabilidade humana, e, por isso, deve a partir dele organizar o sistema de ensino. O autor ressalta que é a partir da maturidade intelectual e uma formação moral e cultural sólida que o indivíduo se insere na ordem estatal da qual faz parte, a ordem natural para o trabalho²¹.

A escola do trabalho defendida por Gramsci tinha características especiais: supunha não só a formação para o trabalho, mas a possibilidade de elaboração de uma cultura autônoma, bem diversa da cultura burguesa. Para os trabalhadores, o desejo de aprender surgia de uma concepção de mundo que a própria vida lhes ensinava e que eles sentiam necessidade de esclarecer para atuá-la concretamente. (SCHLESENER, 2002, P. 69)

De acordo com Gramsci, a escola deveria contribuir para a união da teoria e prática, encontro que a escola burguesa, pela sua característica e função na sociedade capitalista, não podia proporcionar aos trabalhadores.

Gramsci (2004, p. 43) por meio da escola unitária ou “escola do trabalho²²” defendia a necessidade de unir o que foi separado historicamente ao longo da história pela luta de classes. Para que uma classe dominasse a outra fora preciso separar o trabalho intelectual do trabalho manual, o monopólio do conhecimento dos processos produtivos e o controle dos meios de produção, dos que produziam a riqueza. Para Gramsci era preciso por meio do trabalho como princípio educativo, atividade teórico- prática do homem, garantir o equilíbrio necessário para que houvesse uma transição do capitalismo para o comunismo.

Nosella (1992) conclui a partir das considerações de Gramsci (2004) sobre o princípio humanista próprio da escola tradicional e do princípio do trabalho próprio das escolas tradicionais, que “o trabalho se torna princípio educativo universal”. O que significa que o trabalho é mediado na escola enquanto se ensina as leis naturais e sociais que regem a vida em sociedade.

Para o autor o verdadeiro sentido da escola é formar seres capazes “[...] de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2004, p. 49). Já que formando novos homens, com capacidade de (direção e técnica) que se criarão as

²¹ Para Gramsci os princípios filosóficos que regem a educação encontram suas raízes no trabalho, ou seja, fora da esfera educacional. Evidencia-se o complexo da educação como um conjunto de reprodução do ser social.

²² O trabalho “[...] é a forma própria através do qual o homem participa ativamente na vida da natureza, visando transformá-la e socializá-la cada vez mais profunda e extensamente” (GRAMSCI, 2004, P. 43).

condições para se reorganizar a produção, em que todos sejam técnicos e tenham capacidade de reorganizar a produção e a distribuição das mercadorias.

Se buscamos uma educação que logre a emancipação humana, no contexto da luta de classes, no interior da sociedade capitalista, é necessário que essa cisão entre trabalho intelectual e técnico seja superada por meio da construção de uma nova forma de sociabilidade pautada no trabalho livremente associado, que deva ser gerada pela articulação entre teoria e prática nas escolas, conforme afirma Saviani (2007, p. 154), “[...] [o homem] não nasce sabendo produzir-se homem como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência”. Nesse caso, a educação cumpriria um papel central na reprodução do ser social. A tarefa não é fácil, porém torna-se indispensável na busca de estudar a realidade não só para compreendê-la, mas sobretudo para transformá-la.

Gramsci renuncia ao individualismo burguês, e se filia à solidariedade, ao atendimento das necessidades de todos e prioriza a escola e a educação popular como via de conhecimento significativo, útil a sociedade e à formação humana em geral.

Como podemos verificar depois desta exposição do que foi a Reforma Gentile, podemos compreender a natureza antidemocrática da escola atual, que acompanha e requer um processo de fixação dos papéis sociais, pois com o mesmo intuito da reforma, podemos observar por meio dos documentos oficiais que delineiam a educação pública brasileira, o funcionamento de um aparato ideológico e organizativo de contenção classista, e encontramos ainda, até mesmo na comunidade acadêmica, certos preconceitos elitistas compreendidos por Gramsci na Reforma Gentile na Itália, mas que também são visíveis nas escolas brasileiras, de que a ampliação do acesso à educação fundamental e média no Brasil foi responsável pelo declínio do rendimento dos alunos, que a educação média não seria para todos e que a caça ao diploma se impôs em detrimento da formação cultural, pois uma escola voltada para atender as demandas do mercado é a expressão direta da vontade do legislador, e do utilitarismo que permeia a escola atualmente, e que impedem o aluno de possuir uma formação cultural que lhe dê autonomia e tome consciência da luta de classes, já que a educação é histórica. Os processos de alienação da escola aos interesses do mercado e das classes dominantes brasileiras e da burguesia internacional, podem ser compreendidos utilizando a Reforma Gentile como espectro social, um microcosmo que revela os reveses que a educação humanista sofreria, e que hoje são vivenciados nas escolas públicas brasileiras, pois não consideramos que uma educação essencialmente técnica contemple as necessidades do

ser humano para a vida social. Longe disso, coloca em risco por meio do egoísmo e da irreflexão que promove o equilíbrio da vida social e do meio ambiente. Entretanto reconhecemos que, essa divisão que tem ocorrido entre o que se estuda e a que se destina os estudantes das escolas públicas e os das escolas particulares, dão aos alunos das escolas particulares, o mínimo de ferramentas necessárias para que em comparação aos outros de seu gênero, detenham uma quantidade de riqueza exponencialmente superior.

Foi necessário como cientista social, e professor que produz um material que possa ser do interesse de outros professores e dos alunos, procurar no oriente da história, uma análise que contemplasse essa divisão que foi ocorrendo no ensino, de uma educação que forma a classe dirigente e de outra que enfraquece a classe oprimida, que distancia a cultura necessária para suprir as desigualdades e preparar os indivíduos para uma sociedade mais solidária que apoie os que mais necessitam, excluídos dos meios de produção, ideologizados pela burguesia, e sem consciência de classe. A história demonstra que o capitalismo dá mais condições para os mais ricos, e distância dos pobres as ferramentas que poderiam equilibrar estas disparidades.

Essa é a expressão da luta de classes que ocorre na sociedade capitalista e que, ao contrário do que se possa imaginar, tão intensamente quanto, está no interior das escolas, dos discursos à estrutura burocrática e técnica do estado burguês. Os elementos da crítica gramsciana da escola da Reforma Gentile estão em sintonia com a crítica que se poderia fazer do atual estado de desmantelamento e desagregação da escola tradicional no Brasil, já que

Primeiro os alunos, pelo menos, deixavam a escola com uma bagagem de noções históricas concretas: agora (...) os alunos ignoram as noções concretas e enchem a cabeça com palavras sem sentido, rapidamente esquecidas. A luta contra a velha escola era justa, mas se tratava de uma questão de homens mais que de programas. Na realidade, um medíocre professor pode conseguir fazer que os alunos tornem-se mais instruídos, mas não conseguirá nunca fazer que sejam mais cultos: a parte mecânica da escola, eles a desenvolverão com escrúpulo e consciência, e os alunos, se têm um cérebro ativo, ordenarão por conta própria sua “bagagem”. Com os novos programas, que coincidem com um rebaixamento do nível do corpo de professores, não se terá “bagagem” e não haverá ninguém para ordenar (...).

Para mim a eficácia [educativa] da velha escola média italiana, de acordo com a velha Lei Casati²³, era devida ao conjunto de sua organização e de seus

²³ A Lei Casati foi promulgada no Piemonte em 1859 (antes mesmo da unificação italiana) e organizava em seus 380 artigos o sistema escolar em conformidade a princípios liberais. Tinha como princípios fundamentais a criação de uma administração centralizada cuja tarefa era programar e controlar a vida escolar no seu conjunto. Além disso, dividia a instrução escolar em clássica e técnica, fixava os dois graus – inferior e superior – da instrução elementar delegada às comunas e instituía as escolas normais para a formação dos professores. Propugnava também a obrigatoriedade escolar para o grau inferior elementar

programas mais que de uma vontade expressa de ser escola “educativa” (...). Na velha escola, portanto, a organização mesma dava a educação. Como? O estudo do latim e do grego, das línguas, com o estudo das literaturas e das histórias políticas respectivas, era à base desta educação. O caráter da educação era dado pelo fato de que estas noções não vinham presas por um escopo imediato prático-profissional: o escopo existia, mas era a formação cultural do homem, e não se pode negar que isso seja um “interesse”. Mas o estudo em si aparecia desinteressado. Não se aprende o latim e o grego para falar estas línguas, para ser garçom ou intérprete, ou para dizer quem sou eu. Aprende-se para conhecer a civilização dos dois povos, cuja vida se põe como base da cultura mundial (...). Pode-se substituir o latim e o grego, e os substituirão utilmente, mas ocorrerá saber dispor didaticamente a nova matéria ou a nova série de matérias, de modo a obter resultados equivalentes de educação geral do homem, partindo do rapazote até à idade da escolha profissional. Nesse período o estudo ou a parte maior do estudo deve ser desinteressado, isto é, não ter escopos práticos imediatos ou muito imediatamente imediatos: deve ser formativo, ainda se “instrutivo”, isto é, rico em noções concretas. Na escola moderna me parece estar havendo um processo de progressiva degeneração: a escola de tipo profissional, isto é, preocupada com um imediato interesse prático, possui vantagem sobre a escola “formativa” imediatamente desinteressada. A coisa mais paradoxal é que este tipo de escola vem predicada como “democrática”, enquanto ao invés ela é propriamente destinada a perpetuar as diferenças sociais (...). O caráter social da escola é dado pelo fato de que cada estrato social tem próprio tipo de escola, destinado a perpetuar naquele estrato uma determinada função tradicional. Se se quer romper essa trama, é mais oportuno, portanto, não multiplicar e graduar os tipos de escola profissional, mas criar um tipo único de escola preparatória (elementar-média) que conduza o jovem até o limiar da escolha profissional, formando-o ao mesmo tempo como homem capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige. O multiplicar-se dos tipos de escolas profissionais tende, portanto, a eternizar as diferenças tradicionais (...). A escola vai organizando-se sempre mais de modo a restringir a base da classe governante tecnicamente preparada, isto é, com uma preparação universal histórico-crítica. (GRAMSCI, 1975, pp. 499; 502)

Para concluir Gramsci expressa aqui uma definição de “escola democrática”, com a qual concordamos e buscamos, que é aquele em que

Cada “cidadão” pode se tornar “governante” e a sociedade o põe, mesmo que seja “abstratamente”, nas condições gerais de poder se tornar um: a “democracia política” tende a fazer coincidir governantes e governados, assegurando a cada governado o aprendizado mais ou menos gratuito da preparação “técnica” geral necessária (GRAMSCI, 1975, pp. 501-50)

A escola em seu caráter atual perdeu a sua referência e seu objetivo que é a formação cultural e social, universal e crítica, pois hoje ela deixa os alunos na subcultura, que reproduz a desigualdade dos grupos sociais e das suas diversas formas e destinos sociais de reprodução.

1.1 O tema trabalho nos documentos oficiais que norteiam o currículo do Ensino Médio brasileiro.

Existe uma ligação direta entre educação e trabalho, pois o estudo é um meio para se chegar ao trabalho, entretanto como ressaltamos anteriormente, a educação na escola pública ensina o que os trabalhadores precisam adquirir para executar as tarefas básicas, e quanto melhor a formação, maior o salário que o indivíduo consegue, e por meio dessa maior renda, ampliar as suas possibilidades de consumo de mercadorias. Aqui se encontra um problema na educação da sociedade capitalista, que não é gerar conhecimento, e sim a mesma função de todo trabalho humano neste sistema, que é consumir. Com a exposição dessas ideias prévias, resalto porque escolhemos trabalhar o tema “trabalho” nas aulas de Sociologia, ou por meio de uma investigação nos documentos oficiais, do alcance que o tema possui no currículo, e a partir da investigação teórica na literatura sociológica da temática, em especial nas obras de Karl Marx, levar os alunos a refletir de forma crítica, essa relação umbilical entre o trabalho, a educação, e a alienação da sociedade, que se reduz, quase sempre, de forma acrítica, ao consumo de mercadorias. Libertar os jovens das escolas públicas e em geral da convivência total com a ideologia dominante é possível por meio da reflexão.

Utilizando vários referenciais teóricos, como metodologia, vamos construindo um todo que se articula e nos permite compreender, como a educação atual foi se moldando no mundo ocidental, em especial no Brasil, no contexto das sociedades capitalistas modernas, para que possamos tomar consciência dos limites e das possibilidades atuais de levar os alunos a pensamento crítico, ao domínio das teorias científicas e à busca de novas formas de organização social e econômica, que tenha na solidariedade sua força motriz.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica nos principais documentos oficiais²⁴ que norteiam a educação pública e privada no Brasil. Se ao lerem a investigação abaixo, sentirem falta de uma visão mais crítica, explico já de antemão que o objetivo desta investigação não é fazer uma análise crítica profunda dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Sociologia no Brasil, mas descobrir qual o tamanho desta janela de oportunidade, essencial à formação humana, presente nos documentos

²⁴ A nossa análise dos documentos oficiais é breve, quase indelével, a título apenas de apresentação mínima da história dos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira, pois para compreender de que forma essas legislações atenderam e atendem os interesses privatistas em detrimento da qualidade do ensino público, é necessário um mergulho infinitamente mais profundo, que procuramos fazer a título de pesquisa, mas que por recorte do objeto de pesquisa e da proposta apresentada, não se traduz aqui.

oficiais, ficando uma análise crítica dos próprios documentos e a sua correspondência com os livros didáticos, a formação do professor licenciado em Sociologia, e dos cursos que permitem que os professores lecionem a disciplina como correlata, e a necessidade de acordo com a análise sociológica do que deve ser ensinado aos alunos de nível médio, para o futuro.

A história da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)²⁵ resume as disputas ideológicas no contexto da sociedade de classes no Brasil, pois dois grupos disputavam qual seria a filosofia por trás da primeira LDB. De um lado estavam os estatistas, ligados principalmente aos partidos de esquerda. Partindo do princípio de que o Estado precede o indivíduo na ordem de valores e que a finalidade da educação é preparar o indivíduo para o bem da sociedade, defendiam que só o Estado deve educar. Escolas particulares podem existir, mas como uma concessão do poder público.

O outro grupo, denominado de liberalista e ligado aos partidos de centro e de direita, sustentava que a pessoa possui direitos naturais e que não cabe ao Estado garanti-los ou negá-los, mas simplesmente respeitá-los. A educação é um dever da família, que deve escolher dentre uma variedade de opções de escolas particulares. Importante ressaltar que atualmente este debate voltou ao cenário político e social brasileiro, permitindo compreender que, nos momentos em que há uma conscientização maior da sociedade, ou ideias mais democráticas no que concerne ao acesso à cultura e a educação emergem, as elites se articulam e procuram por meio dos mais diversos mecanismos, garantir o acesso à cultura, que deveria ser universal, como um privilégio para si.

Da disputa entre as ideias defendidas pelos liberalistas foram vencedoras, em relação as ideias defendidas pelos estatistas, depois de dezesseis anos de embate, e o texto aprovado pelo Congresso, foi marcado pelos seus interesses de classe.

Assim como o texto anterior da LDB²⁶, o aprovado em 1996 é resultado de um longo embate, que durou cerca de oito anos (1988-1996), a partir da XI ANPED, entre duas propostas distintas. A primeira conhecida como Projeto Jorge Hage foi o resultado de uma série de debates abertos com a sociedade, organizados pelo Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, sendo apresentado na Câmara dos Deputados. A segunda

²⁵ A primeira LDB foi promulgada em 1961 (LDB 4024/61). João Goulart publica em 20 de dezembro de 1961 a primeira LDBA Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934.

²⁶ A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996.

proposta foi elaborada pelos senadores Darcy Ribeiro, Marco Maciel e Maurício Correa em articulação com o poder executivo através do MEC.

A principal discordância era em relação ao papel do Estado na educação. Enquanto a proposta dos setores organizados da sociedade civil apresentava uma grande preocupação com mecanismos de controle social do sistema de ensino, a proposta dos senadores previa uma estrutura de poder mais centrada nas mãos do governo. Apesar de conter alguns elementos levantados pelo primeiro grupo, o texto final da LDB²⁷ se aproxima mais das ideias levantadas pelo segundo grupo, que contou com forte apoio do governo FHC²⁸ nos últimos anos da tramitação. A LDB²⁹ é uma lei que envolve muitos interesses orçamentários e interfere em instituições públicas e privadas, compreendemos que serve para consolidar a ordem do capital, predominando os interesses privados sobre os coletivos.

Além da LDB, a nível de governo, temos outro documento importante que norteia o ensino no Brasil, que são os Parâmetros curriculares Nacionais (1999). Estes constituem-se em referências nacionais para o Ensino Básico. A primeira etapa para a concretização curricular do Brasil, definindo as metas para a educação estabelecidas pelas políticas públicas do Ministério da Educação. Desse modo ele passa também a ser fundamento para as propostas curriculares dos Estados e dos Municípios, já que os PCNs podem ser usados como recursos para a construção, elaboração, reelaboração ou adaptações curriculares pelas Secretarias de Educação, assim, cada um constrói seus currículos de acordo com os PCNs e com a realidade local.

Compreender a forma e o conteúdo, assim como as lutas político-ideológicas empreendidas na construção dos principais documentos oficiais que orientam a construção do currículo e da educação brasileira no país, é prioridade quando se

²⁷ Principais características da lei 9394/96 são: Gestão democrática do ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira das unidades escolares (art. 3 e 15). Educação básica obrigatória e gratuita, a partir dos 04 anos de idade (art. 4). Carga horária mínima de oitocentas horas distribuídas em duzentos dias na educação básica (art. 24). Prevê um núcleo comum para o currículo do ensino fundamental e médio e uma parte diversificada em função das peculiaridades locais (art. 26). Formação de docentes para atuar na educação básica em curso de nível superior, sendo aceito para a educação infantil e as quatro primeiras séries do fundamental formação em curso Normal do ensino médio (art. 62). Formação dos especialistas da educação em curso superior de pedagogia ou pós-graduação (art. 64). A União deve gastar no mínimo 18% e os estados e municípios no mínimo 25% de seus respectivos orçamentos na manutenção e desenvolvimento do ensino público (art. 69). Dinheiro público pode financiar escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas (art. 77). Prevê a criação do Plano Nacional de Educação (art. 87).

²⁸ A LDB atual (Lei 9394/96) foi sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da educação Paulo Renato em 20 de dezembro de 1996.

²⁹ Para compreender a LDB recomendamos a leitura dos 92 artigos, nos quais o seu texto está estruturado. Assim como as medidas provisórias que foram implementadas no contexto da COVID-19 no Brasil, como a observância do mínimo de dias de efetivo trabalho escolar.

pretende contribuir para a busca de uma educação mais solidária, que permita aos alunos filhos da classe trabalhadora melhores oportunidades de ampliar as suas condições reais de existência no interior da sociedade capitalista e para além dela. Por este motivo este capítulo, que poderia ser dividido em uma análise histórico crítica de cada elemento em separado, os documentos oficiais, os livros didáticos, a função que a escola detém no interior do sistema capitalista e da doutrina neoliberal³⁰ no contexto da lutas de classes e da própria transformação do capitalismo em uma sociedade cada vez mais tecnológica, se não se faz aqui de forma suficiente é pela necessidade metodológica e a procura de se esclarecer o máximo possível, o nosso objeto de estudo, que é como podemos ensinar as teorias sociológicas por meio da literatura em uma sequência didática. Acredito que, usando a história e a burocracia como reflexo da superestrutura da sociedade em que vivemos, ao menos conseguimos apontar aos futuros leitores, caminhos que se juntando ao aqui traçado pinte um quadro mais completo da educação brasileira e da realidade do ensino público no Brasil.

A seguir faremos uma breve apresentação dos PCN+ (Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio, 1999), no que concerne ao tema trabalho, e uma análise crítica deles; ressaltamos que esta análise é breve na linha do tempo e sucinta na arché, e recomendamos que uma análise mais profunda deste objeto de estudo, a quem interessar, deve ser feita de forma ampla e profunda, o que não fizemos aqui. Deixo isso esclarecido, porque a pesquisa científica, se não bem explicada, pode conduzir outros pesquisadores a terem uma compreensão dos fatos históricos, como se fosse máxima, quando sua fonte lhe apresentou a mesma de forma reduzida.

O tema Trabalho como conceito³¹ fundamental do conhecimento sociológico é apresentado no PCN+³² depois dos conceitos de cidadania, importante destacar esse fato por que:

O conceito de cidadania foi apropriado pelos discursos do capital e da democracia. Outrossim, já podemos afirmar que tal conceito é contraditório. Isso porque a cidadania (conceito inaugurado pelos gregos e utilizado por eles com um caráter distinto do caráter que porta hoje) é, hoje, “forma

³⁰ As políticas neoliberais de educação, segundo Duarte (2005), defendem que é mais valioso que os alunos aprendam por si mesmos do que através de uma transmissão de conhecimentos educativa e intencional.

³¹ Os conceitos possuem história, e é necessário que isso seja levado em conta ao se trabalhar com eles. É preciso contextualizar o conceito para que sua história e seu sentido próprio possam ser entendidos pelos alunos não como uma palavra mágica que explica tudo, mas como um elemento do conhecimento racional que permite melhor explicar ou compreender a realidade social. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006, p. 118).

³² PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias.

política de reprodução do capital” (TONET, 2007, p. 30). Também segundo Tonet (2009a e 2009b), ela é uma forma de liberdade muito importante, porém limitada. Ser Cidadão é ser “apenas formalmente livre, igual e proprietário” (TONET, 2009, p. 3).

O tema Cidadania é tratado “como ponto culminante de evolução que a humanidade possa atingir. Não permite, portanto, que o aluno possa analisar a sociedade em seu cerne, ou a partir de suas raízes, mas apenas de modo superficial e fragmentado” (Isadora Barreto Paiva & Susana Vasconcelos Jimenez, 2016, p. 67).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCEM) e as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+), são os documentos que exemplificam com maior especificidade as diretrizes para o ensino de Sociologia. OS PCEM discorrem sobre o ensino das Ciências Sociais, que engloba Antropologia, Política e Sociologia, já os PCN+ descrevem acerca do ensino de Sociologia e a aproximando das ciências que se aproximam da Sociologia³³ (Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio, 1999).

OS dois documentos revelam as “competências e habilidades” a serem desenvolvidas a partir do ensino de Sociologia, que podemos compreender como os objetivos a serem alcançados no percurso de estudo desta ciência. Portanto, temos alguns pontos a considerar em relação às habilidades a serem desenvolvidas segundo os referidos campos, *representação e comunicação, Investigação e compreensão e contextualização sociocultural*.

Em relação ao primeiro campo, representação e comunicação, como afirmam Isadora Barreto Paiva e Susana Vasconcelos Jimenez,

As PCN+ afirmam que, a partir do seguimento das determinações pelo campo estabelecidas, “o aluno estará mais gabaritado para analisar a realidade social dentro de princípios científicos e, também, mais capacitado para atuar como um agente de mudança social” (PCN+, 2002, p. 90). Aqui, com base na concepção marxiana, podemos concordar que o aluno poderá se tornar mais propenso a analisar corretamente a realidade social, dependendo de qual ou quais pressupostos teóricos sejam abordados em sala de aula, embora saibamos que uma educação pautada, em última instância, pelas determinações do Banco Mundial não possa verdadeiramente dar subsídios à correta análise da realidade social.

Portanto, acreditar que o aluno por meio do ensino de Sociologia “estará mais gabaritado para analisar a realidade social dentro de princípios científicos e, também, mais capacitado para atuar como um agente de mudança social” (PCN+, 2002, p. 90),

³³ Direito, Economia, Psicologia, Filosofia, Antropologia e Política.

em uma educação pautada pelas determinações do Banco Mundial³⁴, parece incongruente, embora reconhecemos de acordo com os pressupostos do marxismo que o aluno poderá se tornar capaz de analisar a realidade social em que vive, utilizando a teoria social que aprendeu, mas esse empreendimento não resultara num indivíduo capaz de provocar a transformação social, já que esta mudança específica no interior da sociabilidade capitalista não é suficiente para fundar uma nova forma de sociabilidade para além do capitalismo e suas relações econômicas de produção e reprodução da vida.

Quanto ao segundo campo, “investigação e compreensão”, os PCN+ considera que, por meio da interdisciplinaridade com as ciências que se relacionam com a Sociologia³⁵ e da apropriação do instrumental teórico, no desenvolvimento das atividades escolares, que se direcionam para a compreensão do cotidiano dos alunos, os mesmos estariam aptos à “decodificação complexa da realidade social, levando-o a assumir atitudes mais críticas e atuantes na comunidade” (PCN+, 2002, p. 90). O documento ainda afirma que esse campo permite “inúmeras possibilidades de fazer o aluno o protagonista das atividades pedagógicas” (PCN+, 2002, p. 90), e neste ponto é importante ressaltar um cuidado, pois como afirma Duarte (2005), que afirma ser condenável a predominância desse tipo de prática (inserida nas determinações pedagógicas do “aprender a aprender”³⁶ no aprendizado escolar, pois é justamente neste processo que dá ao aluno a possibilidade de escolher as atividades escolares de acordo com os seus interesses, que o capital age para de forma a condicionar os futuros trabalhadores a desenvolver seu conhecimento tácito em detrimento do conhecimento teórico, pois é a partir desse que ele dá mais produtividade a empresa capitalista, de acordo com Duarte (2005).

O terceiro e último campo, “contextualização sociocultural”, coloca que

A contextualização do sistema social brasileiro, estruturado em classes sociais, excludente e concentrador de renda e de poder, vai permitir a elaboração de variadas atividades pedagógicas. (...) Mas, o professor e o aluno poderão avançar ainda mais, se forem criadas oportunidades de atuação

³⁴ Em específico, estamos citando o documento produzido pelo Banco Mundial “Prioridades e Estratégias para a Educação”, publicado em 1996, no qual é possível conhecer os principais elementos de política social relacionado às políticas de caráter neoliberal, implementadas no Brasil, principalmente a partir da década de 1990.

³⁵ História, Arte, Filosofia, Antropologia, Geografia etc.

³⁶ As pedagogias do aprender a aprender, como afirma Newton Duarte de forma genérica, são: a Pedagogia do Professor Reflexivo, também chamada de Epistemologia da Prática, a Pedagogia das Competências, o Construtivismo, entre outras. Todas elas consistem fundamentalmente em uma formação que dê mais importância ao conhecimento construído a partir da reflexão sobre a prática profissional em detrimento do estudo das disciplinas científicas clássicas, que permitem a apropriação dos fundamentos da Educação.

cidadã, isto é, se o aluno puder protagonizar a mudança, mesmo que pequena, viabilizando o exercício da cidadania dentro ou fora da Escola (PCN+, 2002, p. 91).

Neste ponto, a interpretação das PCN+ está de acordo com a nossa, entretanto limitada ao que trata de reconhecer a existência da desigualdade de classes. Portanto podemos verificar o mesmo ponto ressaltado nos campos anteriores, de que o aluno poderia mudar a sociedade, como já afirmamos isso é impossível. Acreditamos apenas na possibilidade de execução de atividades educativas que emancipem o aluno, como diz Tonet (2007), que vão no sentido de formar indivíduos comprometidos (teórica e praticamente) com a luta pela construção de uma outra sociabilidade.

Faremos agora uma sucinta apresentação, de como o tema trabalho aparece nos documentos oficiais supracitados anteriormente neste capítulo, fazendo uma citação direta a eles, sempre que mencionados.

Os PCN+ colocam o Trabalho como um dos elementos estruturantes do social no plano econômico defende que, os conceitos de cidadania, trabalho e cultura são as categorias fundamentais das Ciências Sociais, colocam-os como conceitos que perpassam as teorias e as metodologias da Sociologia, Antropologia, Política, Economia, Direito e Psicologia. Seguindo na análise crítica dos PCN+, o conceito de trabalho³⁷ e de cidadania são colocados juntos como o terceiro bloco de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas e destaca que “compreender as transformações no mundo do trabalho significa conhecer o desenvolvimento econômico das diversas formações históricas ocidentais e suas diferentes estruturas políticas” (PCN+, 2002, p. 92). Do mesmo modo ressalta que

Ao participar politicamente, enquanto trabalhador e cidadão, o estudante está construindo sua identidade social e agindo para que uma sociedade mais democrática e solidária se fortaleça. Temos aqui a articulação entre as competências da Sociologia e o conceito estruturador de cidadania: protagonismo juvenil voltado para a viabilização da cidadania plena. (PCN+, 2002, p. 92).

O documento (PCN+)³⁸ de Sociologia dispõe de sugestões de organização de eixos temáticos³⁹ em Sociologia, um conjunto de atividades pedagógicas que teria o

³⁷ O trabalho para Lukács (2010) é primeiramente uma forma específica de ideologia, é o segmento pelo qual o ser social interage com os outros e com o meio e se organiza.

³⁸ Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio (1999).

³⁹ Nos PCN+ elegem quatro eixos temáticos que devem ser abordados durante as aulas de Sociologia do Ensino Médio: “indivíduo e sociedade”, “cultura e sociedade”, “trabalho e sociedade” e “política e sociedade”

objetivo de auxiliar o trabalho docente na disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Aqui analisaremos somente o eixo temático “Trabalho e sociedade”.

A abordagem sugerida pelos PCNs+ de 2020 e que compreende uma das quatro unidades sugeridas. Segundo tais parâmetros, quando se aborda a temática trabalho, deve-se enfatizar: a organização do trabalho, os modos de produção ao longo da história e o trabalho no Brasil, o trabalho e as desigualdades sociais, as formas de desigualdades, as desigualdades sociais no Brasil, o trabalho e o lazer, o trabalho nas sociedades utópicas, o trabalho, ócio e lazer na sociedade pós-industrial, o trabalho e a mobilidade social, mercado de trabalho, emprego e desemprego, profissionalização e ascensão social. O documento cita que

Uma dimensão importante para a compreensão da cultura é a do trabalho, enquanto dimensão material envolvida na regulação das relações sociais, que também gera significados, ou seja, uma dimensão conceitual. O trabalho é um fato cultural. Nesse sentido, tanto a produção quanto o seu produto têm significado na cultura (PCNEM, 2000, parte IV, p. 39).

Nas OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) de 2006 o tema “trabalho” é iniciado quando se reporta às teorias clássicas da Sociologia. Dispõem que para Marx “a dialética como método, a historicidade das relações sociais como fundamento e os conceitos de modo de produção, divisão social do trabalho, classe e luta de classes, revolução e ideologia, alienação, mais-valia, capital” (OCEM, 2006, p. 123), são fundamentais para a explicação do real. Sugere como temas a violência, a criminalidade, a globalização, menor abandonado, gravidez na adolescência. Podemos verificar que nas OCEM de 2006 indicam como metodologia, o recorte, e esclarece essa metodologia dizendo “quando se propõem o recorte de temas para o ensino de Sociologia, não se faz isso pensando analisar os chamados “problemas sociais emergentes” de forma ligeira e imediatista” e expõem que se trata de partir do senso comum e este articular com os conceitos, as teorias e a realidade social.

Podemos concluir que as PCN+ de 2006 se preocupou mais em propor uma lista de conteúdos e as OCN em um documento que reflete acerca da realidade dos professores de Sociologia e sobre a história dessa disciplina; trazer também uma reflexão ou, menos do que isso, uma legitimação das práticas e recursos usados pelos professores em sala de aula (MORAES, 2010, p. 03). E quanto ao tema trabalho que é o objeto de nossa análise nos documentos oficiais, podemos verificar que embora proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e nas Orientações

Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, o PCN+ de 2006, deu-se uma mudança fundamental, ou seja o

(...) caráter primordial da Sociologia, que era o de luta por uma sociedade onde vigorasse o socialismo, o qual os intelectuais de esquerda, de maneira geral, buscavam, para, submetendo-se ao discurso imposto pelas determinações de manutenção do capital, incorporar e fazer apologia a afirmações que dão à cidadania um viés de suposta emancipação, não se fazendo compreender que tal discurso é, na verdade, reprodutor da lógica vigente. (PAIVA, I. B. & JIMENEZ, 2016, p. 67)

Portanto, consideramos que é possível, dentre o que é apresentado como imprescindível nos documentos oficiais, no que concerne ao tema trabalho, aprofundar a discussão, já que a questão metodológica é fundamental, seja qual for conteúdo, ele será sempre um meio para se atingir um fim, que no caso da Sociologia é o desenvolvimento da perspectiva sociológica. A Sociologia pode ser entendida como um modo de pensar distinto sobre o Social, não pela aprendizagem de uma teoria, mas pelo contato com diversas teorias e com a pesquisa sociológica, seus métodos e seus resultados.

Se os documentos apontam para que o Ensino de Sociologia no Ensino Médio forneça instrumentais teóricos para a compreensão do mundo social e o exercício da cidadania, e associam a Sociologia à “procura de uma sociedade mais justa e solidária” (PCN+, 2002, p, 88), ignoram o fato de que a sociabilidade vigente a tendência é o aprofundamento das desigualdades sociais, sendo impossível humanizar o capital, pois, como aponta Mészáros (2000), enfrentamos uma crise estrutural do capital, que difere das crises cíclicas, passageiras. Essa crise afeta a esfera econômica, política e social. Ela é inerente à estrutura de reprodução do capital. A impossibilidade de humanizar o capital, porém, independe da existência de tal crise, mas depende, outrossim, da própria lógica de reprodução do capital, cujas desigualdades são intrínsecas a ela. Esperar que a Sociologia dotará o aluno com a capacidade de desnaturalizar a realidade social, ao nosso ver é contraditório à lógica capitalista, a sua permanência.

Os PCNEM discorrem de três maneiras diferentes acerca do trabalho, primeiro afirmam que “no intuito de explicitar melhor o conceito de sociedade, tomamos a relação social como de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Unidade elementar” (PCNEM, 2000, parte IV, p.38). Depois, os PCNEM, seguindo o pensamento de Peter Brigitte Berger, destaca que “analisam a linguagem como sendo a instituição fundamental da sociedade, que permite a objetivação, a interpretação e a justificação da realidade” (PCNEM, 2000, parte IV, p. 40). E em seguida afirma, de modo totalmente diferente que

Uma dimensão importante para a compreensão da cultura é a do trabalho, enquanto dimensão material envolvida na regulação das relações sociais, que também gera significados, ou seja, uma dimensão conceitual. O trabalho é um fato cultural. Nesse sentido, tanto a produção quanto o seu produto têm significado na cultura (PCNEM, 2000, parte IV, p. 39).

Comparando as três concepções com a de Marx, percebemos que os autores não levaram em consideração a de Marx de que o trabalho é a categoria fundante do ser social, pois para Marx (1999) é a partir do trabalho que o ser humano se diferencia dos outros animais pois o trabalho humano sempre evolui qualitativamente, enquanto o trabalho dos outros animais continua o mesmo desde sempre.

Diante da atual crise da educação brasileira, procuramos neste primeiro capítulo, expor alguns aspectos que permeiam a escola inserida na sociedade capitalista, pois é necessário entender que são muitos os fatores que determinam o processo de ensino-aprendizagem, retratar em linhas gerais a realidade da escola pública, dos alunos e professores. Pois inúmeras pesquisas têm demonstrado os múltiplos problemas⁴⁰ que existem no cotidiano escolar. E é a partir desta realidade que apontaremos mais adiante a literatura como metodologia que pode contribuir com a prática pedagógica em sala de aula, e dentro dos limites já expostos pela análise dos documentos oficiais e a sua contextualização com o tempo histórico presente, a resultados mais proeminentes no que concerne a emancipação do aluno, a formação de uma nova consciência.

A educação está presente em toda sociedade e a serviço dela para a sua manutenção. A escola é fruto de uma sociedade capitalista e esta que determina a sua prática pedagógica e a vida dos professores e alunos, já que toda a situação educacional vivenciada em nossas escolas tem uma finalidade e atende a algum interesse.

De acordo com SAVIANI (2002, p. 2)

Outro componente dessa visão ideológica é que os conhecimentos que a população precisa dominar são mais os do dia a dia. O importante não é estar empregado, mas ser empregável. Ser empregável significa ter flexibilidade e capacidade de adaptação. E você se adapta na medida em que convive, se relaciona. Então os conhecimentos sistemáticos tendem a ser secundarizados.

⁴⁰ A indisciplina, a evasão e o desinteresse pelo que é ensinado e pela escola, dificuldades de interação entre professor e aluno, dificuldades de aprendizagem e outros tantos problemas precisam de solução para que a escola se torne um lugar que de fato se torne um lugar de humanização e de promoção da cidadania.

A questão que se põe que precisa ser pensada e se isto tenderia a alterar substantivamente o caráter da escola. Se isto é um indicador de que a sociedade está mudando e que, com a mudança da sociedade a natureza da escola também está mudando.

O entendimento da situação da escola pública, passa pela compreensão da ideologia dominante, e em específico no que concerne às políticas educacionais.

O ser humano é fruto da história, portanto a história se constrói a cada dia, e a vida dos alunos é produto da história atual. Visto que essa construção não se dá ao acaso, ela é determinada pelas relações sociais vigentes. A sociedade capitalista, no contexto de um mundo globalizado, alterou as relações e de trabalho e o perfil de homem e de trabalhador, e a educação se insere neste meio para instrumentalizar o indivíduo e suprir essa demanda do mercado.

Cabe ao educador definir qual vai ser a sua prática pedagógica, deve ter clareza dos objetivos que pretende com o seu trabalho, deve saber o conteúdo para poder fazer as mediações que desencadeiam em seus alunos as problematizações necessárias à transformação da realidade social. Que rompa com esse sistema educativo que se divide em um para as elites e outro para as massas.

O professor atualmente trabalha de forma fragmentada, perdeu a autonomia, o conhecimento do todo e não consegue trabalhar independentemente do capital. A atomização do trabalho pedagógico inibe as forças intelectuais do educador, já que toda a produção intelectual se concentra a serviço do capital e confronta-se com o trabalhador como força estranha e dominadora. Outro ponto é a mecanização do trabalho docente que expropria o saber do professor sobre suas ações pedagógicas, tornando-o incapaz de pensá-lo e concebê-lo na sua totalidade. A desqualificação docente termina por impedir que o educador problematize questões sociais importantes como as condições do trabalho nas sociedades capitalistas modernas. Com o esvaziamento da prática pedagógica do professor, a sala de aula e a escola, passam a atender às necessidades do capital. Aos professores fica reservado o salário para a sua sobrevivência e aos alunos a adentrar no mercado de trabalho, como mão de obra barata e a assumir os postos de trabalho que exigem pouca qualificação profissional.

Neste ponto que discorreremos sobre a importância dos estudos literários, vale nos lembrar o porquê de estudá-los:

Os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação [...]. Opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação, porque a literatura é um instrumento de conhecimento do

outro e de autoconhecimento, porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis [...] (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 18).

A literatura⁴¹ surge na presente pesquisa devido à necessidade urgente da organização do trabalho pedagógico, para que se rearticule a práxis no sentido contra hegemônico das ideologias expostas pelo capitalismo no currículo escolar. Pois, através da literatura e mediado pelo materialismo histórico e dialético é possível expor as transformações históricas que nos trouxeram até aqui, e a partir daí considerar as possibilidades de superação de uma educação que reserva aos filhos da classe trabalhadora, ao aluno trabalhador e aos alunos que ainda trabalharão a ocuparem os postos de trabalho com a menor remuneração e os privando dos cargos gerenciais. A literatura como proposta pedagógica para o ensino de Sociologia, busca uma educação de ensino médio que leve o aluno ao reconhecimento e a transformação do mundo real e dos sujeitos, pois a arte tem esse poder, de expor de forma bela a realidade social, o seu progresso e o que ainda precisa ser modificado, se desejamos uma sociedade mais justa e igualitária. A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade.

⁴¹ Zilbeman (2009) relata que a discussão acerca da importância de se trabalhar com literatura na escola iniciou-se entre os anos 70 para os anos 80, década esta que houve uma grande discussão com o intuito de reforma na educação uma vez que o modelo vigente não apresentava resultados satisfatórios. “A literatura encarnava a utopia de uma escola renovada e eficiente de que resultaram a aprendizagem do aluno e a gratificação profissional do professor”. (p. 13).

2. UM ESTUDO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA NA OBRA “TEMPOS DIFÍCEIS”, DE CHARLES DICKENS

Uma das questões fundamentais da pesquisa é como podemos trabalhar Sociologia através das obras literárias, como já enunciado em diversas passagens anteriormente, portanto vamos nos expressar aqui com mais notoriedade a esse respeito, ou evidenciar aquilo que julgamos importante sobre essa relação, já que a Literatura é uma forma de arte de criar e compor textos, sem necessidade de explicar aquilo que enuncia e a Sociologia para ter validade e produzir um conhecimento confiável, necessita de uma metodologia científica.

A literatura evidencia as crenças e percepções pessoais, possibilitam que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo.

O objetivo desta introdução ao capítulo é demonstrar a importância da literatura como meio que possibilita a leitura dos fenômenos sociais.

No entanto, é necessário definir o que seja literatura, e para isso vamos de forma sintética, apresentar o pensamento de Cliff Slaughter que refletiram sobre o tema, e que contribuem para a nossa narrativa e proposta científica. Importante ressaltar que procuramos apresentar aqui, duas concepções de literatura que buscaram entender esse fenômeno artístico por meio de uma perspectiva influenciado pelo marxismo, não estritamente vinculada a luta de classes, mas, a transformação social.

O britânico Cliff Slaughter (1983) defende que a arte é uma das forças produtivas do ser humano em relação com a natureza⁴². Cliff Slaughter não concebe uma definição específica do que é literatura, portanto a partir de seus estudos é possível dizer que a arte é uma maneira de expressar os sentimentos humanos e a “integridade da vida humana”, assinalando para o enfrentamento das “condições existentes”⁴³. E isso seria realizado a partir das imagens

⁴² “Quando as relações sociais do capitalismo reduzem as relações humanas a relações ‘racionalis’, isto é, quantitativas, entre coisas, a arte se predispõe, de certa forma, a questionar a ordem existente, e não começa apenas como uma parte da ideologia desenvolvida pelo próprio capitalismo. Esse é um significado que pode ser dado à observação de Marx de que a literatura e a arte, como a linguagem, são parte das forças produtivas dos homens” (SLAUGHTER, 1983, p. 178, grifos do autor). Ainda de acordo com o autor, Marx tinha, em 1874, a noção de literatura como “uma das forças de produção, e certamente não como ideologia (‘forças de produção adquiridas, materiais e espirituais, língua, literatura, conhecimentos técnicos etc.’ [citado por S. S. Praver em Karl Marx and World Literature, Oxford University Press, 1976])” (SLAUGHTER, 1983, p. 183).

⁴³ 7 No caso, o autor se remete primeiro à arte num geral para depois falar especificamente sobre literatura. E o que fica subentendido é que quando ele fala sobre arte de modo geral ele também está se remetendo à literatura, que seria uma das formas de expressão artística.

A verdadeira função da arte é, assim como Lukács conseguiu expressar em sua análise de Fausto, “expressar essa integridade da vida humana: o domínio consciente e o desenvolvimento, pelos homens, de sua própria natureza através da atividade objetiva de transformar o mundo natural” (SLAUGHTER, 1983, p. 10).

Continua expressando que:

A paixão, parafraseando Marx, é o homem dedicado, com todo o seu ser, a um objeto definido. A arte busca reproduzir essa paixão do homem lutando pela sua aplicação e pela sua realização harmoniosa na concretização de objetivos livremente escolhidos. Essa totalidade do homem empenhado em seu próprio devenir através do trabalho sobre o resto da natureza, que reúne, com êxito, o trabalho de seus antepassados e o de seus concidadãos, é – por mais obscura ou imprecisa que apareça na consciência do artista – a realidade potencial que a arte extrai sempre de novo do vale de lágrimas que é a vida do homem. O artista faz isso, mesmo quando fazê-lo significa empenhar-se em combate mortal com as condições existentes. Essa luta, juntamente com todo movimento pela emancipação da humanidade, é a fonte do “elemento de sentimento” sem o qual não haveria arte. Condensá-la e expressá-la em imagens é muito diferente do recurso comum, na literatura, às necessidades biológicas genéricas como sendo, de alguma maneira, as propriedades de um homem “natural” que desafia as restrições sociais. O elemento de sentimento na arte, que tanto embaraça certos “marxistas estruturalistas”, é, na verdade, o principal conteúdo da arte. É a renovação dos recursos dos homens para a luta interminável para modelar a natureza, inclusive a própria natureza do homem, de acordo com necessidades humanas historicamente constituídas (SLAUGHTER, 1983, p. 23).

Essas imagens seriam criadas a partir de “materiais” (linguagem, pintura, sons etc.) com interligações entre forma e conteúdo, que não podem ser separados (SLAUGHTER, 1983). Desse modo podemos dizer que o autor compreende a literatura como uma expressão das relações dos seres humanos com a natureza a partir da formação de imagens por meio da linguagem. Aplicando esse entendimento ao contexto do modo de produção capitalista, essa relação entre os indivíduos e a natureza não é “normal” e, por isso, o escritor deve expressar essas contradições e apontar para a transformação social.

O autor⁴⁴ aponta que é necessário entender as relações sociais para compreender a literatura.

Portanto, compreender a literatura e a arte e a natureza de sua atração, do ponto de vista marxista, significa primeiro, focalizar da maneira mais precisa possível o caráter específico das relações sociais, inclusive a relação entre a sociedade e o indivíduo, em cada formação social, em particular no

⁴⁴ Importante ressaltar que a concepção de literatura proposta por Slaughter é muito mais ampla do que a apresentada aqui na pesquisa, pois selecionamos o que consideramos relevante e as concepções do autor que contribui para a nossa proposta, que é de que forma a literatura contribui para a compreensão do mundo social, e qual a sua particularidade segundo o autor.

capitalismo, a cuja análise foi principalmente dedicado o esforço científico de Marx (SLAUGHTER, 1983, p. 29).

Podemos concluir que para se entender a obra literária⁴⁵ é necessário que se considere as relações sociais e o papel revolucionário do proletariado.

Apesar de ser considerada ficção por muitos, esta demonstra o cotidiano da humanidade dentro de um contexto temporal e espacial, consagrando-se, ao mesmo tempo, como indicadora de estruturas, expõe as diversas transformações políticas e sociais vivenciadas por uma sociedade.

Portanto, por ser um dos instrumentos de construção teórico-metodológica da interpretação da realidade, isto é, tudo que existe de maneira perceptível ou não, a literatura por meio da sua textualidade ajuda a compreender a constituição da vida intelectual e da sociedade pertencendo a um determinado momento histórico.

Contudo, para ter uma maior percepção a respeito do pensamento literário, é necessário entender a articulação de diferentes discursos. O que pode nos levar a refletir sobre a pertinência do discurso, sendo que sua implicância não é apenas a vigência ou a validade⁴⁶, mas as ideologias presentes neles; ou seja, como são utilizados e a que interesses atende.

Partindo do pressuposto que vigência se refere a um conjunto de condições sociais e institucionais que possibilitam a existência de uma teoria, e de que algo válido possa ser comprovado cientificamente, pode-se inferir que a literatura é sobretudo um discurso válido, pois com auxílio da história, é responsável por retratar a interpretação de um ambiente social que pode resistir ao tempo possibilitando a construção de representações referentes a uma realidade.

A literatura possibilita que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e estar no mundo. É ela que ajuda o pensamento social a utilizar conceitos considerados adequados para a construção ideológica da nação ao fazer uso de um conjunto de campos discursivos que se relacionam entre si e com os poderes que expressam.

Devemos evitar que o preconceito de que a literatura é baseada apenas na ficção. Ela vai muito mais além: é o recurso de estudo da sociedade e de suas problemáticas,

⁴⁵ Para compreender mais a relação entre literatura e marxismo, ler: Raymond Williams (1979), Terry Eagleton (2006) e Sartre (1999).

⁴⁶ Conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientada para suas ações sociais e, principalmente, políticas.

podendo ser um dos fatores estimulantes das mudanças que ocorrem no mundo, chegando a apontar a humanidade novos caminhos.

Antonio Candido (2008) pesquisador dos direitos humanos em uma palestra acerca do direito à literatura defende que para termos um equilíbrio social é necessário que a população tenha acesso a literatura uma vez que esta causa inquietações ao trazer problemas relacionados com a sociedade geral. O confronto dialético entre a leitura realizada com a realidade vivida leva o leitor a pensar criticamente sobre sua realidade e agir sobre ela.

Para o autor toda obra literária tem o poder de humanizar, pois pressupõe a superação do caos

“O processo de humanizar requer o exercício da reflexão com aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo”. (CANDIDO, 2008, p. 6).

A literatura é de fundamental importância na construção histórica e social da humanidade. No leitor a fantasia traz situações não reais que o instiga a um posicionamento intelectual, assim mesmo distante da sua rotina a literatura leva-o a refletir sobre o seu cotidiano e incorporar novas experiências. Enquanto o leitor entra em contato com a cultura, essa faz com que ele busque compreender o seu papel como sujeito histórico no mundo. Sem percebermos, a literatura nos remete a pensar sobre o mundo⁴⁷, a conceber caminhos de superação, a reavaliar nossas ações.

A análise⁴⁸ de Charles Dickens sobre o período retratado no seu romance “Tempos Difíceis” é clara quanto às precárias condições em que vivia a classe trabalhadora. Isso fica evidente quando Engels expõe que:

O conhecimento das condições de vida do proletariado é uma necessidade absoluta se quisermos assegurar uma base sólida às teorias socialistas bem como aos juízos sobre a sua legitimidade, acabar com todos os sonhos e fantasias pró e contra. (ENGELS, 1985, p. 7)

O autor descreve de forma amarga as dificuldades dos trabalhadores no dia a dia, assim como a total falta de infraestrutura dos bairros operários em que viviam.

O autor expõe a estrutura perversa do sistema capitalista, *Tempos Difíceis* é um diagnóstico de seu tempo que expõem um mundo em desagregação, o próprio Marx, devido às características do livro de esclarecer a classe trabalhadora de sua

⁴⁷ Leva o indivíduo a perceber as especificidades da sociedade, a pensar as formas de convivência, preconceitos e tabus, estimulando o seu espírito crítico e propiciando a sua formação humana.

⁴⁸ O autor é crítico da doutrina liberal, assim como das condições materiais da vida dos trabalhadores.

condição, afirmou que Dickens falava mais de realidades sociais que todos os sociólogos juntos.

A obra literária, como afirma Terry Eagleton (EAGLETON, 1985), trabalha com experiências e emoções e isso lhe confere uma grande capacidade de dar uma resposta popular através da qual as pessoas reconhecem suas próprias experiências. Sobre o papel da literatura, afirma Paul Benichou

(...) a literatura é considerada principalmente como portadora de ideias, coisas que é fato evidente, mas que nela não resulta, segundo pensam alguns, numa característica essencial. Certo é que compartilha essa característica com a filosofia, a ciência política, o direito ou a moral; porém a literatura maneja as ideias num certo plano que lhe é próprio, na região em que estas nascem dos impulsos profundos, para assegurar a vida e mostrar-lhe os caminhos. A elaboração última das ideias enquanto tais lhe interessa menos que seu ponto de evidência, seu valor de verdade e de ensino imediato (BENICHOU, 1981, p. 17-19).

Dickens apresenta a situação da classe trabalhadora como verdade, descreve o real, e como observa Raymond Williams, Dickens utiliza uma “estrutura do sentimento, na sua força e na sua fraqueza, que ele compartilha com a cultura popular de seu tempo” (WILLIAMS, 1970, p. 55).

A Inglaterra foi pioneira na Revolução Industrial, e por isso sofreu os impactos primeiros da mudança do sistema de produção. Entre elas o crescimento acelerado das cidades⁴⁹ e a crise do cartismo⁵⁰ provocou mudanças radicais na sociedade inglesa, Dickens descreve a indiferença que existe na sociedade e desde o prefácio de sua obra faz um apelo a razão.

Dickens descreve a cidade para apresentar-nos Stephen Blackpool e por meio da vida dos personagens declarar que a estrutura da sociedade é perversa. O retrato da cidade é para Dickens o retrato do próprio homem vivendo em sociedade indiferente e não-natural.

Stephen vivia em Coketown, numa casa pequena, numa rua estreita e totalmente desafortunado de tudo. O autor crítica não só a abstração utilitarista como também a retirada dos sentimentos humanos das relações sociais. Ele nos apresenta o mundo industrial:

Sabe-se, com a força de uma única libra de peso, o que fará o motor; porém, nem todos os calculadores da dívida nacional poderão dizer-me a capacidade para o ódio e o amor, para o patriotismo ou o descontentamento, para a

⁴⁹ No final da década de 40 do século XIX, os ingleses eram o primeiro povo predominantemente urbano da história da humanidade.

⁵⁰ O cartismo foi um movimento operário radical e reformista que surgiu na Grã-Bretanha na década de 1830 como resultado das consequências sociais e econômicas da Revolução Industrial.

decomposição da virtude em vício, ou o inverso, em qualquer momento, na alma de seus silenciosos servos, de rostos compostos e ações reguladas. Não há mistério no motor; há um mistério insondável no mais ínfimo de seus servos, para sempre. Isso supondo que revertêssemos nossa aritmética dos objetos materiais, e governássemos de outra maneira essas terríveis quantidades desconhecidas! (DICKENS, 2014, p. 87).

O livro retrata as crianças Gradgrind como vítimas dessa educação utilitarista demonstram por meio dos sentimentos, o mal que acarreta deixar a margem os sentimentos em prol unicamente da razão. No início do livro, Thomas Gradgrind expõe a sua filosofia:

Ora, eis o que quero: Fatos. Ensinem a estes meninos e meninas os Fatos, nada além dos Fatos. Na vida, precisamos somente dos fatos. Não plantem mais nada, erradiquem todo o resto. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos Fatos: nada mais lhes poderá ser de qualquer utilidade. Esse é o princípio a partir do qual educo meus próprios filhos, e esse é o princípio a partir do qual educo estas crianças. Atenha-se aos Fatos, senhor! (DICKENS, 2014, p. 13).

O mesmo grande industrial, sempre com uma imensa variedade de trabalho nas mãos, em diferentes estágios de desenvolvimento, arrastou Sissy para a fábrica e transformou a menina num artigo muito bonito, de fato. (DICKENS, 2014, p. 110).

A classe dos self-made men, que é representada no personagem do Sr. Bounderby, seguia a crença de deixar o sentimentalismo e de que todos poderiam ascender socialmente na sociedade burguesa.

Literatura e Sociologia convergem em muitos pontos, tanto Engels quanto Dickens relatam a indiferença que foi gerada nas relações sociais devido ao processo de industrialização nas grandes cidades:

E, contudo, estas pessoas cruzam-se apressadas como se nada tivessem em comum, nada a realizar juntas, e a única convenção que existe entre elas é o acordo tácito pelo qual cada um ocupa a sua direita no passeio, a fim de que as duas correntes da multidão que se cruzam não se constituem mutuamente obstáculo; e, contudo, não vem ao espírito de ninguém a ideia de conceder a outro um olhar sequer. Esta indiferença brutal, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio dos seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocante quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço. (ENGELS, 1985, p. 36)

Para Raymond Williams, o romancista é a mão que tira os telhados das casas e mostra as formas e fantasmas que nascem da negligência e da indiferença (WILLIAMS, 1970, p. 34). Dickens aborda as contradições do sistema liberal por meio

da dramatização da sociedade urbana. A literatura dramatiza a ideologia da sociedade, mas nem por isso sua eficácia é menor.

O autor ilustra a sociedade industrial em formação, portanto ainda hoje é possível reconhecer em nossa sociedade as mesmas contradições, constituindo assim em fenômeno cultural valioso para que o aluno tome consciência do processo histórico e de sua condição no mundo, pois os espaços continuam os mesmos, e a estrutura do sistema capitalista não pode nunca ser tomada superficialmente, se o objetivo é a mudança, escapar da alienação que o próprio sistema produz.

“Ora, eis que quero: Fatos. Ensinem a estes meninos e meninas os Fatos, nada além dos fatos. Na vida, precisamos somente dos fatos. Não plantem mais nada, erradiquem todo o resto. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos Fatos: nada mais lhes poderá ser de qualquer utilidade. Esse é o princípio a partir do qual educo meus próprios filhos, e esse é o princípio a partir do qual educo estas crianças. Atenha-se aos Fatos, senhor!” (DICKENS, 2014, p. 13).

“Vocês deverão ser, em todos os aspectos, regulados e governados”, disse o cavalheiro, “pelos fatos. Esperamos ter em breve um conselho dos fatos, composto de comissários dos fatos, que forçarão o povo a ser um povo dos fatos, e nada além de fatos. Vocês devem descartar a palavra imaginação. Vocês nada têm a ver com ela. Não deverão tê-la em nenhum objeto de uso ou ornamento, o que seria uma contradição de fato. Vocês não caminham, de fato, sobre flores; não se pode permitir que vocês caminhem sobre flores em carpetes. Vocês não acham que borboletas e pássaros estrangeiros vêm pousar em porcelanas; não se pode permitir que pintem borboletas e pássaros estrangeiros em porcelanas. Vocês jamais viram quadrúpedes representados em paredes. Devem usar”, disse o cavaleiro, “para todos esses propósitos, combinações e versões (em cores primárias) de figuras matemáticas passíveis de prova e demonstração. Essa é a nova descoberta. Isso é fato. Isso é bom gosto.” A menina fez uma reverência e sentou-se. Era muito jovem e parecia assustada com o prospecto pragmático que o mundo lhe oferecia. (DICKENS, 2014, p. 19-20)

O Sr. Gradgrind caminhava da escola para casa em estado de considerável satisfação. Era sua escola, e ele pretendia que ela fosse um modelo. Pretendia que cada criança nela fosse um modelo – como os jovens Gradgrinds eram todos modelos. Havia cinco jovens Gradgrinds, e cada um deles era um modelo. Haviam sido doutrinados desde a mais tenra infância; adestrados, como pequenas lebres. Assim que puderam correr sozinhos, foram obrigados a correr para a sala de aula. O primeiro objeto com o qual tiveram uma associação, ou do qual conservaram alguma lembrança, foi um grande quadro negro no qual um Ogro seco desenhava a giz sinistros algarismos brancos. Não que conhecessem, por nome ou natureza, qualquer coisa sobre os ogros. Os fatos os livrem! Uso a palavra apenas para definir um monstro que vivia num castelo de aulas, só Deus sabe com quantas cabeças manipuladas numa só, e capturava a infância, arrastando-a pelos cabelos para tenebrosos covis estatísticos. (CHARLES DICKENS, 2014, p. 23)

Nesta passagem, na voz do personagem Thomas Gradgrind o autor expõe o seu repúdio aos sentimentos e as emoções, as artes e de tudo que não fosse baseado na

razão e tivesse uma utilidade prática, pois para ele uma boa educação não requeria o desenvolvimento dessas outras dimensões humanas, muito ao contrário elas deformariam o indivíduo, não distante disso se encontra a situação da disciplina de Sociologia, muitas vezes acusadas de contribuir para a desordem social, para a politização dos alunos em uma determinada ideologia ou corrente política, fato que ficou visível na eleição presidencial de 2018 e na própria trajetória da disciplina no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras, marcada por intermitências

Ele chegara ao terreno neutro das cercanias da cidade, que não era nem cidade nem campo, e, no entanto, a perspectiva de ambos foi arruinada quando ele ouviu o som da música. A banda desengonçada e desafinada, adjacente ao estabelecimento hípico que se instalara em um pavilhão de madeira, zurrava a plenos pulmões. Uma bandeira, tremulando no alto do tempo, proclamava à humanidade que o “Circo Hípico Sleary” reivindicava a intercessão de todos. O próprio Sleary, uma corpulenta estátua moderna com um mealheiro junto do cotovelo, num nicho eclesiástico de arquitetura gótica primitiva, recolhia o dinheiro. A Srta. Josephine Sleary, segundo anunciavam folhetos muitos longos e estreitos, iniciava os entretenimentos com seu gracioso carrossel tirolês. Naquela tarde, entre outras maravilhas agradáveis e sempre estritamente honestas que se deveriam ver para crer, SignorJupe “mostraria as divertidas proezas de seu cão altamente treinado, Patas Felizes”. Também exibiria “Seu espantoso feito de lançar setenta e cinco pesos de cinquenta quilos em rápida sucessão por cima da cabeça, formando uma fonte de ferro em pleno ar, um feito que jamais se tentou neste ou em qualquer outro país, arrancando aplausos arrebatados de multidões entusiasmadas, e por isso não pode deixar de fazer parte do espetáculo”. O mesmo SignorJupe animaria “os vários números, a intervalos frequentes, com gracejos castos e réplicas shakespearianas”. Por último, ele brindaria a plateia interpretando seu personagem favorito, o Sr. William Button, da Rua Tooley, na “recentíssima e hilariante comédia hípica *A viagem do alfaiate a Brentford*”. É claro que Thomas Gradgrind não prestou nenhuma atenção a essas trivialidades, mas passou como um homem prático deveria passar, espantando do pensamento os insetos barulhentos, ou trancando-os na Casa de Correção. Mas a curva da estrada levou-o aos fundos dos pavilhões, e nos fundos do pavilhão havia numerosas crianças em numerosas atitudes furtivas, esforçando-se para espiar as glórias secretas do lugar. Aquilo o fez parar, “Ora, e pensar que esses vagabundos”, disse ele, “estão atraindo jovens hordas para longe de uma escola modelo.” (CHARLES DICKENS, 2014, p. 25-26)

Dickens descreve no capítulo V “A NOTA TÔNICA” a cidade de Coketown, onde a narrativa acontece, expondo nas condições ambientais da cidade as condições dos trabalhadores, condições as quais podemos observar na cidade de Marília, por ser uma cidade industrial, considerada a capital nacional do alimento e também conhecida pelas suas indústrias metalúrgicas.

Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem; mas, no estado de coisas de então, era uma cidade de vermelhos e negros antinaturais, como o rosto pintado de um selvagem. Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se

desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa da tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhavam monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior.

A sociedade burguesa, conforme Marx “criou forças de produção⁵¹ mais massivas e mais colossais do que todas as gerações juntas”. Portanto o elemento principal que compõem as forças produtivas é o homem que produz por meio do trabalho e pelo qual o capital extrai a mais-valia. Para Marx o trabalho é uma atividade laboral vital, mas no capitalismo, a partir da moderna sociedade burguesa, a separação entre os homens e os meios de produção fez com que as forças produtivas se tornassem indiferentes ao desenvolvimento dos indivíduos, e essa separação dos indivíduos das forças produtivas, do seu conteúdo vital real, transformou os homens em indivíduos abstratos.

Para Marx:

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. (MARX, K. 1989^a, p. 208).

O capitalismo é contraditório, e algumas dessas contradições se referem as condições de trabalho no estado burguês. Se de um lado o trabalho é que humaniza o homem e o transforma em um ser social, no capitalismo o trabalho é estranhado, fonte de alienação, “em outras palavras, alienação⁵² como separação do homem de seu produto, sua atividade, do gênero e dos demais homens acaba por gerar a *Entfremdung* – o estranhamento – do homem em relação ao produto, atividade, gênero e dos homens entre si” (SILVA, A. C; e COSTA, E. 2012, p. 52). No capitalismo o trabalho deixa de

⁵¹ As forças produtivas é um conceito marxista que designa os meios de produção – capitais, terras matérias-primas, ferramentas e equipamentos – pelos trabalhadores e pelas formas de organização do trabalho e seu desenvolvimento.

⁵² O homem ao objetivar-se na cultura, na arte, no Estado, na política, ao mesmo tempo se aliena. A alienação é, pois, um momento necessário da objetivação, ou melhor, um momento insuperável da existência humana. Precisamente uma das grandes dificuldades do marxismo contemporâneo consiste em Não compreender a distinção ontológica fundamental entre objetivação, alienação e estranhamento. A alienação, como dissemos, a partir das análises de Marx, é um momento indispensável da objetivação, enquanto que o estranhamento corresponde a uma forma particular da objetivação que traz intrínseco em si o momento da perdição e da despossessão de sua atividade. (CHAGAS, 1994, p. 28).

ser um fim e se transforma em um meio de produção, decai a condição de mercadoria, que tem como objetivo apenas a reprodução da atividade humana. Portanto apenas nesse tipo de formação social capitalista, pautado na propriedade privada dos meios de produção, que “o processo de objetivação traz consigo o momento do estranhamento, onde a objetivação surge como “perda do objeto”, a atividade produtiva torna-se atividade que desrealiza e desumaniza o homem.”(CHAGAS, 1994, p. 28). O que o homem é, o é pelo produto do seu trabalho, dessa forma o trabalho estranhado produz a miséria do trabalhador, isso na razão inversa da valorização do mundo das coisas.

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadorias; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral. (MARX, K. 1989, p. 148).

Assim como as teorias sociológicas, a literatura também expressa às condições materiais, o caráter político-econômico que governa a formação social de um povo em uma determinada época histórica:

“Senhor, nunca fui bom em me expressar, mas acho que tenho minha parcela de experiência. Na verdade, estamos num lamaçal, senhor. Veja a cidade – rica como é – e veja o número de pessoas que foram trazidas para cá, para fiar e cardar, e fazer a vida como podiam, entre o berço e a sepultura. Veja como vivemos, onde vivemos, em que número, com que chances e sempre do mesmo jeito; e veja como as fábricas nunca param, e como o trabalho nunca nos leva a nenhum objetivo futuro – a não ser à morte. Veja como os senhores nos consideram, como escrevem sobre nós, falam sobre nós e vão em delegações às secretarias de Estado por nossa causa, e como sempre certos, e nós sempre errados. Nunca temos razão desde o dia em que nascemos. Veja como isso cresceu senhor, como ficou cada vez maior, cada vez mais vasto, cada vez mais difícil, de ano para ano, de geração para geração. Quem pode ver tudo isso, senhor, e não dizer com justiça que é um lamaçal?”

O que temos na sociedade capitalista, em que a apropriação dos produtos do trabalho é desigual, é o *trabalho abstrato* como predominante, e isso significa que a própria sociedade vai se tornando fundamentalmente estranhada, o homem vai se transformando em coisa⁵³, perdendo a sua essência humana, e esse estranhamento, torna-se um impedimento para o desenvolvimento das potencialidades humanas, embora “O trabalhador coloca a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a

⁵³ No Marxismo, o conceito de reificação designa uma forma particular de alienação, característica do modo de produção capitalista.

ele, mas sim ao objeto” (MARX, 1989 p. 150). O trabalho estranhado transforma a atividade humana num meio de efetivação do trabalho estranhado.

Uma sociedade emancipada é aquela em que não existam formas de estranhamento do ser, a propriedade privada e o trabalho assalariado⁵⁴ abstrato. O que defendemos é que o homem não pode abdicar da dimensão concreta do trabalho, sob pena de perder a principal referência do seu caráter humano e de ser social. Embora temos esse bloqueio ao pleno desenvolvimento do gênero humano, o fetichismo da mercadoria, que abarca as mais diversas esferas da vida humana, defendemos a necessidade de superação do estranhamento “pelos próprios homens, quando adquirem a consciência de pertencer ao gênero humano, saindo de sua particularidade, do seu em si, elevando-se ao para-si.

O fetichismo da mercadoria para Marx é

“O misterioso da forma mercadoria consiste simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos” (MARX, 1988, p. 71)

E o autor explica a sua definição do que é o fetiche da mercadoria “Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém (...) do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias”⁵⁵. *O fato primordial do fetichismo é que ele se origina da ocultação da relação social entre os trabalhos individuais dos trabalhadores e o trabalho total dos mesmos*⁵⁶.

O que pretendemos demonstrar é que embora aconteceram mudanças no mundo do trabalho nos séculos XIX e XX, de fundamental não ocorreu nenhuma transformação. O processo de coisificação do homem, de fragmentação da subjetividade, para a manutenção do mundo burguês e sua ideologia se intensificaram. O trabalho se precarizou, o desemprego aumentou e o individualismo tornou-se parte integrante e valorizada desse modo de produção em que predomina o trabalho estranhado.

⁵⁴ No sistema capitalista todos os métodos para elevar a força produtiva social do trabalho e todos os meios para elevar a produção se convertem em meios para dominar e explorar a produtor, *mutilam* o operário reduzindo-o a um homem parcial, *degradam-no* a uma insignificante peça de máquina... transformam o período de sua vida em tempo de trabalho. (Marx, O Capital).

⁵⁵ Karl Marx, O capital, V. 1, p. 71.

⁵⁶ Conforme Marx (1989, p. 80-81): “Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.

No mundo contemporâneo, onde predomina o trabalho abstrato na sociedade capitalista e com seu modelo de produção específico, os trabalhadores exercem suas atividades sobre as mais precárias condições de trabalho, e existe cada vez menos uma coesão da classe trabalhadora, já que passam a competir entre si pela ascensão profissional e material. As inovações tecnológicas e organizacionais no processo de trabalho e a especialização, esse modo que dissocia⁵⁷ a concepção da execução dos objetos do trabalho e que tem como resultado a desqualificação do trabalhador, a sua diminuição a repetição de tarefas simplificadas e esvaziadas de conteúdo, de um lado acelera e amplia a produção capitalista e a geração da mais-valia, portanto do outro, temos cada vez mais um homem impedido de desenvolver as suas potencialidades e acometido de doenças físicas e psíquicas desencadeadas pelas condições de superexploração e de precarização das condições do trabalho. Também é importante ressaltar que o desemprego e competição aviltante que o trabalhador é exposto no mercado de trabalho, onde é apenas mais uma mercadoria, força de trabalho, a serviço dos interesses do capital, esse trabalhador deseja e se submete a essa exploração devido a complexos ideológicos e a necessidade material que necessita para sobreviver desprovido dos meios de produção.

⁵⁷ O trabalho intelectual do manual.

Conforme Braverman (1981, p. 112-113): A consequência inexorável da separação de concepção e execução é que o processo de trabalho é agora dividido entre lugares distintos e distintos grupos de trabalhadores. Num local, são executados os processos físicos da produção; num outro estão concentrados o projeto, planejamento, cálculo e arquivo. A concepção prévia do projeto antes de posto em movimento; a visualização das atividades de cada trabalhador antes que tenham efetivamente começado; a definição de cada função; o modo de sua execução e o tempo que consumirá; o controle e a verificação do processo em curso uma vez começado; e a quota dos resultados após conclusão de cada fase do processo – todos esses aspectos da produção foram retirados do interior da oficina e transferidos para o escritório gerencial. Os processos físicos são agora executados mais ou menos cegamente, não apenas pelos trabalhadores que o executam, mas com frequência também por categorias mais baixas de empregados supervisores. As unidades de produção operam como a mão, vigiada, corrigida e controlada por um cérebro distante.

3 –TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E TEORIA HISTÓRICO CRÍTICA – AS BASES PARA A CONCEPÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E OS PARÂMETROS NORTEADORES DA CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA QUE FAÇA SENTIDO PARA O ALUNO.

O desafio apresentado neste trabalho é o uso da literatura e do referencial teórico da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica para o conteúdo da Sociologia, na elaboração de uma proposta de sequência didática que por questões epidemiológicas não será aplicada nas aulas de Sociologia das turmas do terceiro ano do ensino médio do período noturno e matutino. Espera-se que o uso da literatura como recurso pedagógico faça despertar o interesse dos alunos para as atividades pedagógicas, e desse modo possa contribuir para sua formação humana.

Frente ao desafio da elaboração de uma proposta de sequência didática para as aulas de Sociologia, descobri que precisava aprofundar os meus conhecimentos em relação a esse importante instrumento didático, e depois de muitas leituras, tanto de sequências didáticas, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, participação em seminários e nos autores que são referência na temática, optaram, por ser adequada objetivamente a esse trabalho, a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski⁵⁸ e pela Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani⁵⁹, pois na combinação do pensamento e da metodologia expressa em suas elaborações teóricas, encontrei um referencial teórico para a minha prática em sala de aula, que me deu segurança, em relação ao que eu busco promover na educação e modificar no mundo. Importante ressaltar, que desde o início desta pesquisa, eu a efetuei com a mentalidade de um professor de educação básica que vive a realidade da sala de aula e da escola pública, isso implica, que por vezes, e quase sempre os meus escritos são pedagógicos, que tem como objetivo apresentar aos professores e aos alunos, que é possível usar com segurança didática a literatura na apresentação da realidade social, e o mesmo farei aqui, em relação a Teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica, pois os

⁵⁸ Lev Semionovitch Vigotski, foi um psicólogo, proponente da psicologia cultural-histórica. Pensador importante em sua área e época, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida, formou-se no ano da Revolução Russa, e a partir iniciou os seus trabalhos como psicólogo. Utilizando princípios e métodos do materialismo histórico-dialético, Vigotski organizou um novo sistema psicológico. As suas investigações sobre os fundamentos do processo de ensino-aprendizagem foram diretamente influenciadas pelas ideias de Marx e Engels, a sua concepção social e histórica do homem que constrói o seu pensamento através do processo de trabalho.

⁵⁹ A Pedagogia Histórico-Crítica foi idealizada inicialmente pelo Prof. Dermeval Saviani no final da década de 1970, em 1979, no contexto da ditadura civil-militar, opondo-se às pedagogias não críticas e crítico-reprodutivistas. Trata-se de uma pedagogia contra hegemônica, que objetiva ser hegemônica e construir uma educação para outra sociedade.

professores, quase todos oriundos das classes trabalhadoras, chegaram à sala de aula, oprimidos pelos mesmos mecanismos de exclusão social, cultural e material que vivem os alunos da educação básica no Brasil.

Difícilmente devido a rotina exaustiva e a falta de estrutura das escolas e a política educacional brasileira, que atravessa desde a formação de nível superior dos professores até as últimas instancias do ensino, um educador tem tempo disponível para, com propriedade, ler a literatura científica, de como elaborar uma sequência didática, então descreverei, o que eu frente a minha realidade de professor, procuraria em uma dissertação ou artigo científico, no que poderia me apoiar cientificamente para fazer uma sequência didática, os fundamentos da Teoria Histórico-Cultural (princípios que norteiam a nossa pesquisa científica) e passo a passo da Pedagogia Histórico-Crítica (etapas, com a sua fundamentação teórica), que concretiza a nossa proposta de sequência didática do ensino de Sociologia por meio da literatura.

3.1 Os elementos da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski.

Para o desenvolvimento de uma sequência didática utilizaremos os pressupostos da pedagogia Histórico-Crítica e seus princípios metodológicos. Apresentaremos os elementos principais da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, assim como os passos da respectiva Didática, considerando que são importantes esses levantamentos, não apenas para compreender os objetivos desta pesquisa, que é propor o uso da literatura como metodologia de ensino da Sociologia no Ensino Médio, e desenvolver o conhecimento teórico-prático da própria Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica.

Segundo Rosa Maria Antonio,

A Teoria Histórico-Cultural explica o aprendizado humano a partir de sua natureza social, a Pedagogia Histórico-Crítica empenha-se em colocar a educação a serviço da transformação das relações sociais e a Didática da Pedagogia Histórico-Crítica busca traduzir para a sala de aula o processo dialético – prática-teoria-prática- de elaboração do conhecimento científico. Desta forma, entendemos que a Teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica constituem um método eficiente de leitura de mundo e de análise da educação que se expressa numa Didática capaz de ser um instrumento significativo de elaboração do conhecimento científico na perspectiva da transformação social. (ANTONIO, M. 2008, p. 08).

O objetivo do desenvolvimento deste estudo é compreender o processo de ensino e aprendizagem por meio das teorias, visando à apropriação dos

conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e a formação humana dos alunos do Ensino Médio.

É precisamente a modificação da Natureza pelos homens (e não unicamente a Natureza como tal) o que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento humano; e é na medida em que o homem aprendeu a transformar a Natureza que sua inteligência foi crescendo. A concepção naturalista a história [...] encara o problema como se exclusivamente a Natureza atuasse sobre os homens e como se as condições naturais determinassem, como um todo, o seu desenvolvimento histórico. Essa concepção unilateral esquece que o homem também reage sobre a Natureza, transformando-a e criando para si novas condições de existência. (ENGELS, F. 2000, p. 139.)

Atentamos agora em nossa pesquisa de forma sintética, aos elementos básicos da Teoria Histórico-Cultural, começando pela gênese social das funções psicológicas superiores, em que implica uma natureza social da aprendizagem⁶⁰, ou seja, são nas relações sociais que o homem desenvolve suas funções psicológicas superiores, os mecanismos psicológicos complexos, como a memória lógica, a atenção voluntária, o comportamento intencional e o pensamento abstrato.

Na perspectiva de Vigotski o princípio social é superior ao princípio natural-biológico, quanto ao desenvolvimento psíquico do homem, ou seja, Vigotski não nega a influência dos fatores biológicos no desenvolvimento do homem, se além a descrever o aspecto social⁶¹ no desenvolvimento das funções psicológicas do indivíduo.

Em relação a constituição histórica do gênero humano, Leontiev (1998) salienta a importância da natureza social do homem na sua conformação atual, como homem cultural, e concebe que todos os aspectos que entram em sua constituição advêm da vida em sociedade, por meio da cultura criada pela humanidade. Ao referir-se à obra de Engels, o autor discorre que:

[...] sustentando a ideia de uma origem animal do homem, [Engels] mostrava ao mesmo tempo que o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais e que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis sócio-históricas. (LEONTIEV, 1998, p.28.)

Para Vigotski (*etapa de internalização*), é por meio das relações sociais que os indivíduos interiorizam (reconstruem internamente as operações externas) os

⁶⁰ O aprendizado humano pressupõe uma natureza específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam. (VIGOTSKI, 2007, p. 100)

⁶¹ Os fatores sociais se diferenciam dos processos psicológicos elementares como as ações reflexas (sucção do leite no seio da mãe) as associações simples (evitar o contato com o fogo) e as ações automatizadas (movimento da cabeça em direção a um barulho inusitado).

elementos culturais estruturados, ou seja, através da mediação de instrumentos simbólicos como a linguagem e de instrumentos concretos como os objetos.

De acordo com a Teoria Histórico-Cultural, o desenvolvimento da criança acontece em duas etapas, primeiramente no nível social (interpsicológico), em que acontece a mediação do professor, e depois no nível individual (intrapsicológico) que é quando o aluno no processo de ensino-aprendizagem se apropria dos conhecimentos científicos e culturais. Importante ressaltar novamente o fato de que para a Teoria Histórico-Cultural o desenvolvimento da criança ocorre por meio de um processo dialético em que o aluno supera as dificuldades que vão surgindo durante o processo de ensino-aprendizagem. Já que na acepção de Vigotski

A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto um verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo (VYGOTSKY, 1998, p.104).

O aluno não adquire o conteúdo somente com a mediação do professor, portanto na teoria sociocultural do Vigotski, fica claro que a aprendizagem é uma atividade que ocorre durante a sociabilização, na relação com o outro, e no decorrer do desenvolvimento de atividades colaborativas em sala de aula. O professor deve assumir o papel de mediador de todo o processo, pois o professor é o grande orquestrador de todo o processo, já que ele além de ser o sujeito mais experiente, sua interação tem planejamento e intencionalidade educativos.

Investigando as relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado, Vigotski (2007) determina dois níveis de desenvolvimento da criança, o nível de desenvolvimento real e o de zona de desenvolvimento proximal.

No *nível de desenvolvimento real*, a criança realiza as atividades, independente da mediação de um adulto ou professor, porque as funções psíquicas necessárias para fazê-las já estão amadurecidas. Já na *zona de desenvolvimento proximal*, a criança necessita da mediação de um adulto para realizar as atividades ou desenvolvê-las com os seus colegas mais capazes, porque as funções psíquicas necessárias ainda não estão maduras o suficiente.

A distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, caracteriza o que Vygotsky denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal: "A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação,

funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário" (Vygotsky. 1984, p. 97).

Para Vygotsky a aprendizagem e o ensino deveriam sempre operar sobre níveis superiores de *zonas de desenvolvimento proximal*. Desse modo, o ensino tem papel fundamental na mudança das condições do desenvolvimento da criança e não se confunde com uma perspectiva 'espontaneísta' que apenas respeite níveis atuais de aprendizagem, sem uma visão prospectiva, que considere expectativas mais amplas de conhecimentos a serem adquiridos no ambiente escolar.

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKI, 2007, p. 103).

No método dialético⁶² proposto por Marx, o conhecimento parte do concreto empírico chegando ao concreto pensado, pela mediação do abstrato. Ou seja, o conhecimento parte do real empírico, passando pelas abstrações, pela teorização, chegando ao concreto pensado, que nada mais é do que o real em suas múltiplas determinações.

Uma categoria fundamental para a compreensão do método na Teoria Histórico-Cultural é o movimento. Pois, estudar o desenvolvimento das faculdades do pensamento da criança, significa estudá-las historicamente, ou seja, no movimento histórico de constituição pelo processo de hominização e pelo processo de humanização, possibilitadas pelas mediações simbólicas elaboradas pela humanidade. Em relação a isso, Vigotski discorre que

Estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento. Esta é a exigência fundamental do método dialético. Quando numa investigação se abarca o processo de desenvolvimento de algum fenômeno em todas as suas fases e mudanças, desde que surge até que desapareça, isso implica manifestar sua natureza, conhecer sua essência, já que somente em movimento demonstra o corpo que existe. Assim, pois a investigação histórica da conduta não é algo que complementa ou ajuda o estudo teórico, mas consiste seu fundamento. (VYGOTSKY, 2001, v.3, p. 67-68)

Pois a relação entre as categorias de unidade e de movimento, próprias do método dialético, objetiva-se na compreensão de que as funções psicológicas superiores, além de serem compreendidas como uma unidade interfuncional, estão em constante

⁶² Podemos representar o método dialético em seu processo de realização da seguinte forma: concreto empírico (prática), abstrato (teoria) e concreto pensado (prática).

processo de transformação, ou seja, em movimento constante possibilitado pela apropriação dos elementos da cultura como mediadores da constituição de novas relações entre as funções. Esta compreensão se encontra exposta na obra de Vygotsky ao afirmar que:

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como havíamos considerado anteriormente (esse era nosso erro) nem sua estrutura, nem sua linha de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, quer dizer, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. (VYGOTSKY, 2001, v.1, p. 72-73)

Manifesta-se nesta concepção o processo de mudança de qualidade e quantidade nas múltiplas relações estabelecidas quando se fundem os nexos presentes nas funções superiores, ampliando as condições anteriormente constitutivas no psiquismo, num movimento ascendente que promove sua superação. No entanto, a superação da condição anterior não a nega em si mesma, mas amplia as possibilidades de conexões entre as funções. Este movimento de superação das condições anteriores é caracterizado como sendo de negação da negação. O processo de transformação ocorre de acordo com o método num movimento constante, histórico.

Concluimos que na relação de ensino e aprendizagem, a mediação do professor é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos no ambiente escolar, pois muitas operações as crianças só conseguem resolver com o auxílio do professor, devido ao fato de seus processos mentais ainda não estarem desenvolvidos para resolver determinados problemas. Os professores devem interferir na zona proximal dos alunos, para promover os avanços necessários que de outra forma não aconteceriam. A partir desses pressupostos da Teoria Histórico-Cultural é notável que os professores devem organizar suas atividades pedagógicas de modo que os alunos se apropriem dos conhecimentos historicamente conhecidos pela humanidade, tais instrumentos, possibilitam que os alunos desenvolvam as suas funções psíquicas superiores, humanizando os indivíduos.

Abaixo apresentaremos a perspectiva didática da Pedagogia Histórico-Crítica proposta por Gasparin (2005) e Saviani (2008).

Através da leitura de artigos científicos, dissertações de mestrado e livros acadêmicos que abordam a Pedagogia Histórico-Crítica, podemos evidenciar que por meio dos procedimentos metodológicos propostos por Gasparin (2005) e Saviani (2008) é possível uma maior interação entre estudante-professor e possibilitar que a escola

cumpra sua função de produção do conhecimento elaborado e a valorização do saber prévio do educando.

Antes da elaboração do projeto de pesquisa, e a redação posterior da dissertação, considero que foi feito um pré-projeto por mim, na minha relação com os professores da disciplina de Sociologia, com os alunos do Ensino Médio e a comunidade escolar, e a partir da observação dos hábitos culturais dos alunos de Marília, comecei a pensar de que forma poderia oportunizar aos alunos um trabalho escolar que os estimulasse a reflexão da situação do trabalho no contexto da sociedade capitalista.

E para a elaboração da sequência didática, o projeto foi dividido a partir dos cinco passos propostos por Saviani na sua *Pedagogia Histórico-Crítica*. Abaixo apresentaremos cada passo desta metodologia para que o leitor desta pesquisa, e o professor que como eu procura caminhos para desenvolver atividades que sejam mais significativas para os alunos, encontrem aqui uma direção.

3.2 Os elementos da Pedagogia Histórico-Crítica.

A Pedagogia Histórico- Crítica é um método de abordagem dos conteúdos científicos nos ambientes escolares, onde o professor parte do resgate dos conhecimentos prévios dos alunos, e deste ponto inicial, que comumente é o senso comum, o professor introduz as teorias, para que os alunos possam compreender os nexos causais dos fenômenos sociais e transformem a sua realidade e a sociedade em que vivem.

Este método visa estimular a atividade e a iniciativa do professor; propiciar diálogo e a participação efetiva dos alunos e do professor, sem desvalorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levar em conta os interesses, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico dos alunos, sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (GASPARIN E PETENUCCI, 2008).

Para Dermeval Saviani existem cinco etapas que compõem o método da Pedagogia Histórico-Crítica que o professor deve promover em suas atividades pedagógicas. São elas: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Mostraremos qual a essência de cada uma dessas etapas, pois o objetivo desta pesquisa é pensar a prática docente e que elementos teóricos-metodológicos os profissionais da educação devem considerar ao elaborar as suas atividades no momento da apresentação dos conteúdos aos alunos, visando o seu pleno

desenvolvimento, para que de fato possam adquirir os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade ao longo da história.

A primeira etapa do método histórico-crítico é a *prática social inicial* que, segundo Araújo (2009) “implica em conhecer a experiência de cada aluno, sua memória e seu saber prático”.

Os alunos de forma geral possuem uma visão de senso comum da realidade, empírica caótica e tudo lhes parece natural, e é frente a essa realidade (a visão de mundo dos alunos) que o professor deve se situar. Gramsci discorre sobre essa questão

[...] o elemento popular 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual 'sabe', mas nem sempre compreende e, menos ainda, 'sente'. [...] O erro do intelectual consiste em acreditar que possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas pelo objeto do saber), isto é, em acreditar que o intelectual possa ser intelectual (e não um mero pedante) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, portanto, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as dialeticamente com as leis da história, com uma concepção de mundo superior, científica e coerentemente elaborada, com o 'saber'; não se faz política-história sem esta paixão, isto é, sem essa conexão sentimental entre intelectuais e povo-nação. (GRAMSCI, 1999, p. 221-222)

Nesta etapa os alunos trazem para o ambiente escolar todas as vivências e experiências que já possuem sobre o tema que será abordado pelo professor. Essa etapa é necessária para que o conteúdo a ser abordado se vincule a realidade e os conhecimentos prévios dos alunos.

O professor nesta etapa deve introduzir o conteúdo, começar a sua mediação, de forma dialogada e participativa, e a partir dos conhecimentos prévios dos alunos fazer uma avaliação diagnóstica.

A segunda etapa é a da *problematização* que representa o momento do processo pedagógico em que a prática social é analisada levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e as exigências de aplicação desse conhecimento.

É nesse momento que se apresentam as dúvidas e as discussões relacionadas diretamente com o conteúdo proposto. O conteúdo nesta etapa deve ser estudado em todas as suas dimensões sociais. E os alunos e o professor devem juntos num diálogo constante “detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (Saviani, 2008) para que os alunos pensem criticamente.

A terceira etapa é a da *instrumentalização*, que o desenvolvimento do conteúdo em todas as suas dimensões. Segundo Gasparin e Petenucci (2008), este é o momento em que o professor “apresenta aos alunos através de ações docentes adequadas o conhecimento científico, formal, abstrato, conformes as dimensões escolhidas na fase anterior” e os alunos, de acordo com os mesmos autores “por meio de ações estabelecerão uma comparação mental com a vivência cotidiana que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do novo conteúdo”. Nesta etapa o professor apresenta os seus conhecimentos por meio de conceitos e explicando a realidade com fundamentação científica.

A quarta etapa é a da *catarse*⁶³, que é o momento em que o aluno apresenta o seu entendimento do conteúdo estudado. Ele se liberta do senso comum por se apropriar do conhecimento científico.

Gasparin e Petenucci (2008) afirmam que o aluno, nesta etapa, apresenta uma “nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Neste momento o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito de conteúdo”.

Um ponto importante desta etapa é que é o momento do professor aplicar instrumentos avaliativos para verificar se o conteúdo foi aprendido pelos alunos e que pontos precisam ser mais trabalhados.

A quinta etapa é a *prática social final*, e conforme Araújo (2009), a prática social inicial e a prática social final é e não é a mesma. É a mesma no sentido de que não se consegue uma transformação das condições sociais objetivas da escola e muito menos da sociedade como um todo. Mas não é a mesma a partir do momento em que houve uma transformação do educador e do educando nesse processo, refletindo em outras instâncias da sociedade. Nesta etapa o aluno demonstra o que aprendeu, manifestando mudanças em seu comportamento em relação ao conteúdo.

A Teoria Histórico-Crítica é produto de uma busca incessante pelo desenvolvimento de metodologias que transformem o aluno em participante efetivo do processo de ensino-aprendizagem, na construção do conhecimento necessário para a transformação da sociedade.

Tomando a pedagogia histórico-crítica como referência, assumimos uma concepção de ser humano: sujeito histórico, que se constitui pelas relações

⁶³ A palavra *catarse* (do grego “*kátharsis*”) significa purificação.

sociais travadas por meio do trabalho. Dessa definição decorre nossa conceituação sobre o trabalho educativo, como aquele que institui a humanidade alcançada pelo gênero sobre o trabalho educativo, como aquele que institui a humanidade alcançada pelo gênero humano em cada indivíduo, de maneira intencional. (SAVIANI, 2011). Logo, a educação é uma atividade mediadora da prática social global, estando sempre referida a uma dada sociedade situada historicamente. (GALVÃO, A.C; MARSIGLIA, L; LAVOURA, T.N, 2019, p. 6).

Esta pesquisa propõe o desenvolvimento de uma proposta⁶⁴ de sequência didática a ser desenvolvida com os alunos do ensino médio na disciplina de Sociologia, pois é possível, mesmo com o desfavorecer curricular, colocado pelo Estado, assumido nas relações de opressão capitalista, desenvolver práticas pedagógicas que articulem as relações entre educação e trabalho, buscando uma formação cultural que possibilite ampliar no aluno a sua visão de mundo, e construir sua cidadania, para muito além dessa ideologia que orienta os resultados em termo de lucros para o capitalista, numa sociedade regida pela propriedade privada.

3.3. Proposta de Sequência Didática

A proposta de sequência didática⁶⁵ foi elaborada para ser desenvolvida nas escolas da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo. As informações coletadas nos colégios em que leciono⁶⁶ servirão de base para o desenvolvimento da proposta didática. O tema escolhido foi o trabalho e o desafio é ensinar o conteúdo proposto no currículo paulista por meio da literatura, usando como referencial teórico metodológico a Pedagogia Histórico-Crítica.

A partir dos momentos propostos pela Pedagogia Histórico-Crítica como método de ensino, elaboramos uma sequência didática, para ser aplicada em uma sala de aula do ensino médio, geralmente frequentadas por cerca de trinta estudantes, em um colégio da rede estadual⁶⁷, localizada numa região periférica de Marília/SP, para trabalhar o conteúdo de Sociologia. Para atender a esses momentos na proposta de sequência didática, seguimos os passos metodológicos apresentados a seguir:

⁶⁴ Devido a pandemia do coronavírus, não foi possível aplicar a sequência didática, de forma a obter os resultados esperados.

⁶⁵ Ver apêndice A.

⁶⁶ Escola Estadual Professora Maria Cecília Ferraz de Freitas - Endereço Rua João Baptista Marinho , nº 70 - Bairro Nova Marília - Marília - São Paulo.

⁶⁷ Idem.

1. Prática social inicial: A sequência didática deve ser iniciada com a divisão da turma em equipes de cinco alunos e deve ser pedido que discutam a respeito de algumas questões que estão descritas abaixo: Quem aqui trabalha? Qual o seu trabalho? O que vocês entendem sobre a organização do trabalho na sociedade atual? Qual a relação entre trabalho e desigualdade social? Qual a relação entre trabalho e a mobilidade social? Qual a relação entre profissionalização e ascensão social? Quais as características do mercado de trabalho atualmente? O que vocês entendem por ócio e lazer na sociedade pós-industrial? Como é o trabalho nas sociedades utópicas? Como está o mercado de trabalho atualmente? E o desemprego?

2. Problematização (descrever o que cada texto retrata e sua relação com as perguntas que estão na problematização): Deve ser dada continuidade as questões, porém agora direcionadas para a problematização: Os conteúdos que aprendemos na escola contribuem para o acesso ao mercado de trabalho? Os conteúdos da disciplina de Sociologia permitem que compreendamos o mundo do trabalho na sociedade pós-industrial? Existe uma relação entre desigualdade social, desemprego e formação profissional? Apenas os conhecimentos científicos das ciências naturais são suficientes para que o aluno se torne um cidadão crítico, tornando-se capaz de transformar o mundo em que vive? Você sabia que as condições de trabalho no estado burguês, o trabalho estranhado, a separação do homem em relação ao seu produto, é fonte de alienação? Vocês consideram que o conteúdo estudado em todas as escolas do ensino médio brasileiro, particulares e públicas são iguais? Para que serve a educação? E a escola?

Em seguida após ouvir as respostas de cada grupo, deve ser feito a leitura de fragmentos do livro “Tempos Difíceis” de Charles Dickens, com o propósito de abordar a educação utilitarista que emergia com a Revolução Industrial, e que colocava a educação a serviço da indústria, a escola como instrumento ideológico da burguesia, mecanismo de treinamento do aluno para a disciplina e a operação da fábrica, evidenciado na valorização da razão e na desvalorização dos conhecimentos de humanidades, como será demonstrado na apresentação resumida do livro abaixo e em algumas de suas partes selecionadas para o trabalho pedagógico, pois todos os alunos devem ser orientados a lerem a obra por completo, entretanto para o desenvolvimento da sequência didática, deve ser optado, devido à realidade da escola, a falta de infraestrutura, e dos alunos, a maioria trabalhadores no Ensino Médio, a leitura das páginas selecionadas para trabalhar o tema trabalho do conteúdo de Sociologia por meio da literatura (do livro *Tempos Difíceis*) em sala de aula.

Propusemos um modelo de tabela⁶⁸, para que o professor utilize para organizar a aplicação da sequência didática, a etapa de problematização. Pois é importante que sobre cada tema trabalhado em sala de aula com os alunos, o professor tenha metodologicamente pensado o caminho que levará o aluno a catarse. E uma das necessidades mais essenciais, encontradas na elaboração desta tabela e desta sequência didática, é que o professor conheça profundamente, em suas mínimas partes a obra literária em questão, pois como o desenvolvimento da etapa de problematização ficou claro que será necessário que se preencha as lacunas entre as partes selecionadas e as características psicológicas e o contexto em que cada parte da narrativa apresentada ocorre para os alunos, fazendo com que o aluno compreenda melhor as situações e os dramas vividos pelos personagens na emergente cidade industrial de Coketown.

Instrumentalização: Sugerimos que sejam separadas seis aulas (três aulas para cada parte da etapa de instrumentalização) nas quais o professor deve tratar de vários aspectos envolvendo o tema trabalho no nosso dia a dia, no modelo econômico em que vivemos, o capitalismo.

PRIMEIRA PARTE: Deve ser realizada uma aula expositiva em que, inicialmente, deve ser apresentada a análise de Karl Marx sobre o trabalho na sociedade capitalista. Em seguida o professor deve apresentar alguns conceitos que possibilitam ao aluno compreender as condições de trabalho no estado burguês, o conceito de alienação⁶⁹, de trabalho abstrato⁷⁰ (trabalho estranhado) e de fetichismo da mercadoria⁷¹.

SEGUNDA PARTE: Deve-se iniciar a aula levantando uma questão: Quem sabe o que é alienação e estranhamento? A partir dessa pergunta, começa-se a desenvolver o assunto da aula. Então, o professor deve explicar o que é o trabalho abstrato presente no nosso dia a dia no contexto do modelo de produção capitalista.

4. Catarse: Para retornar às questões feitas no início das aulas anteriores, no decorrer do desenvolvimento da sequência didática, sugerimos que o professor organize

⁶⁸ Ver Apêndice B.

⁶⁹ Alienação do trabalho é o efeito do trabalhador não ter acesso aos bens que ele mesmo produz.

⁷⁰ A partir da mercadoria, considerada existência molecular do capital, Marx define sua dupla realidade, a unidade valor de uso e valor de troca, como formas de expressão de uma unidade mais profunda: o trabalho no seu 'duplo caráter', 'trabalho concreto' (que se manifesta no valor de uso) e 'trabalho abstrato' (que se manifesta no valor de troca).

⁷¹ O "Fetichismo da Mercadoria" caracteriza-se pelo fato das mercadorias dentro do sistema capitalista, ocultar as relações sociais de exploração do trabalho, criando um valor de troca marcado por "sutilezas e manhas teológicas" (MARX, 1996) que fazem com que a mercadoria tenha "vida própria" e, conseqüentemente, um valor de troca que não se explica pelas relações de trabalho.

um trabalho em equipe. A turma deve ser dividida em cinco grupos de quatro componentes (variando de acordo com o tamanho da turma e as características de cada escola e sala de aula). Para cada equipe deve ser entregue uma questão-problema desenvolvida pelo professor. Cada equipe ficará com um problema diferente, e, para resolver os problemas, cada equipe deverá recorrer aos conteúdos sobre a análise do trabalho na sociedade capitalista que a essa altura, já foi trabalhado nas etapas anteriores. Solicite, então, que identifiquem a relação entre alienação e o modo de produção capitalista, bem como proporem uma solução para o problema. Deve ser dado um determinado tempo para que as equipes discutam e respondam às questões e, depois cada equipe deverá apresentar as suas conclusões para o professor e os demais colegas da turma.

5. Prática social final: Nesta etapa devem ser produzidos pequenos textos pelos estudantes foram divididos em equipes de cinco componentes, sendo solicitado como pontos obrigatórios o conteúdo trabalhado, a análise marxista do trabalho do modo de produção capitalista, nas aulas de Sociologia, e o aspecto da alienação e sua relação com a educação voltada para atender as demandas da fábrica na sociedade industrial⁷². Todos os materiais produzidos, bem como as discussões e apresentações realizadas durante os diversos momentos, devem ser considerados pelo professor como resultados a serem analisados.

A partir dos momentos propostos pela Pedagogia Histórico-crítica e pesquisas realizadas, utilizamos um modelo de plano de mediação educativa elaborado por Turini⁷³ para especificar as etapas de nossa sequência didática de forma mais organizada e explicativa.

⁷² Importante ressaltar que hoje nós vivemos numa sociedade pós-industrial, onde a indústria não é mais o principal setor da economia que emprega a mão de obra, portanto a educação está em transição, de uma educação voltada para fornecer a mão de obra para a indústria, para uma educação voltada para desenvolver nos educandos as competências socioemocionais. Portanto, compreender essa relação entre educação e mercado de trabalho, é fundamental para que o indivíduo conheça e atue sobre o mundo em que vive, destacando que, embora a educação está se modificando devido as novas demandas do mercado de trabalho numa sociedade automatizada e neoliberal, ainda permanece na escola atual, devido a formação dos profissionais da educação e a mentalidade da comunidade escolar sobre a égide da escola voltada para fornecer mão de obra especializada e técnica para a indústria. Mentalidade que possivelmente não faz parte com a mesma substância do pensamento e dos desejos da juventude.

⁷³TURINI; LIMA; OLIVEIRA, 2019.

Quadro 1 – Quadro 1 - Modelo de Plano de mediação educativa na perspectiva da Pedagogia Histórico-crítica

ETAPAS DA SEQUÊNCIA DA DIDÁTICA

Escola:		Município:		Prof. (a):	
Ano/ Turma Escolar:		Componente Curricular:		C. H. Semanal:	
Período Letivo:	Início:	Término:	Total de Aulas:		
1) Os problemas e a relação de síncrese com a prática social					
<p>Neste momento, o professor parte da reflexão sobre quais são os problemas presentes na prática social. Lembramos que a prática social é todo universo simbólico que caracteriza a sociedade contemporânea, fruto do processo histórico de produções e intervenções humanas, sendo particular-singular e universal ao mesmo tempo. O problema é o questionamento sem resposta, mas que, devido a necessidade humana, precisa ser compreendido dentro da prática social. A partir do problema, o professor busca identificar quais são os elementos que causam equívocos e contradições e tornam a visão dos alunos sincrética (simplista e imediata).</p>					
2) A análise da estrutura organizacional e as possibilidades de um ensino histórico-crítico					
<p>Neste momento, o professor analisa as possibilidades fornecidas pela instituição onde ele atua para poder abordar os problemas identificados na prática social. Isso implica analisar determinados elementos, como a estrutura física da escola, a quantidade de aulas disponíveis, os horários das aulas, o calendário escolar, a proposta curricular, as intencionalidades do Projeto Político-pedagógico (PPP), etc. A partir dessas identificações, o professor pensa nos caminhos que fará para provocar a catarse e levar os alunos à síntese pela apropriação do conhecimento sistematizado.</p>					
3) Os conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos transformados em saberes escolares					
<p>Este é o momento onde o professor recorre aos conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos que se apropriou ao longo de sua formação e o saber apresentado aos alunos para possibilitar o equacionamento dos problemas que estão postos na prática social. O objetivo é munir o aluno de conhecimentos sistematizados suficientes para ele poder enxergar a complexidade dos problemas e suas possíveis soluções. Para isso, os conhecimentos científicos, filosóficos e</p>					

artísticos são transformados em saberes escolares. Isso implica dosar e organizar esses conhecimentos às limitações dos tempos e espaços escolares. Nessa ação, o professor atenta-se para os efeitos de suas escolhas, pois, na maioria das vezes, é preciso optar por certos conteúdos e formas de transmissão. Essas opções revelam a consistência da intencionalidade do professor, pois não é possível ser neutro em qualquer planejamento de mediação educativa. É por isso que o professor não pode perder de vista qual é o tipo de aluno que pretende formar, ou seja, qual é o seu destinatário. Na PHC, o trabalho educativo leva o aluno a apropriar-se da humanidade histórica e coletiva, levando-o ao desenvolvimento de visões de mundo mais elaboradas, e isso só se dá pela apropriação de conhecimentos sistematizados. Tais conhecimentos devem ser incorporados na consciência dos indivíduos e evidenciados pelo seu novo modo de se posicionar na prática social. Unidos desses conhecimentos, os indivíduos são capazes de transformar a realidade social pela ação humana. A tríade forma- conteúdo-destinatário revela a intenção sobre o como, o que e quem a mediação educativa pretende formar. Sugerimos que a sistematização dos conhecimentos siga uma ordem histórica. A produção social do saber é histórica. A PHC firma-se sobre uma base histórica e historicizante. Apenas lembramos que situar-se historicamente não é o mesmo que produzir historiografias. É preciso guiar-se pela história e, ao mesmo tempo, manter as especificidades dos componentes curriculares e suas respectivas ciências.

4) Os processos de instrumentalização

Cronograma	Nº de aulas	Atividade Planejada	Procedimentos de Instrumentalização
Período de data	Aula	Atividade planejada para promover o desenvolvimento	Como será aplicada a atividade para promover Desenvolvimento
Período de data	Aula	Atividade planejada desenvolvimento	Como será aplicada a atividade para promover Desenvolvimento
Período de data	Aula	Atividade planejada para promover Desenvolvimento	Como será aplicada a atividade para promover Desenvolvimento
Período de data		Atividade planejada para promover Desenvolvimento	Como será aplicada a atividade para promover Desenvolvimento

5) A catarse a partir da expectativa de novas posturas na prática social

A catarse é o resultado da ação unitária promovida pela problematização-

instrumentalização. Ela expressa a incorporação dos instrumentos teórico e prático transmitidos, que causam transformação pessoal na consciência do aluno, evidenciada por sua nova forma de se posicionar na prática social. A catarse não é fruto de uma única mediação educativa, mas sim da articulação de um sistema de aulas, um conjunto de componentes curriculares, de todo o currículo escolar, da continuidade de níveis e ciclos educacionais, etc.

6) A ascensão à síntese e as possíveis transformações sociais pela ação humana

A síntese expressa a visão sistematizada dos conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos evidenciada pela consciência e clareza da relação entre as partes e o todo e a complementação dos diferentes componentes curriculares. Tal momento afeta tanto alunos quanto professores que, em toda mediação educativa, aprimoram sua visão sobre a realidade social. Tal efeito produz a capacidade de transformação social pela ação humana, pois os indivíduos agora estão munidos de conhecimentos suficientes para provocar mudanças na realidade.

7) As avaliações como evidências da aprendizagem

A avaliação é sempre um juízo de valor. Presente em todo o processo educacional do contexto escolar, a avaliação deve servir como mecanismo que verifica a apropriação daquilo que se propôs transmitir, mantendo constante diálogo com o conteúdo (o que), os alunos (para quem), o objetivo (para que) e os recursos (como). Há, desse modo, uma relação entre o real e o ideal, entre o que se planeja para a atividade e os meios de sua execução. A avaliação deve usar diversos instrumentos simultâneos se promover processos qualitativos de práticas pedagógicas que, dialeticamente, observa os resultados e orienta novos caminhos. A avaliação também é dotada de intenções e deve ter compatibilidade com os objetivos da mediação educativa.

8) As estratégias para recuperação continuada as lacunas de aprendizagem

O processo de recuperação é o esforço contínuo de fazê-los ascenderem à síntese. Chamamos a atenção para o fato de que o resultado negativo do processo avaliativo pode tanto significar a não apropriação dos conhecimentos que se propôs transmitir, quanto a insuficiência do processo avaliativo e seus instrumentos de avaliação para expressarem tal apropriação. Portanto, o professor deve estar atento

para identificar se é preciso superar possíveis barreiras que ainda impedem a devida apropriação do conhecimento ou se é preciso encontrar novos meios diversos dos já utilizados para que o processo avaliativo e seus instrumentos de avaliação consigam evidenciar essa apropriação. Na segunda hipótese, o professor precisa entender que o mau desempenho em um determinado instrumento de avaliação também evidencia a necessidade que o aluno possui de se apropriar dessa forma de ser avaliado. Nesse caso, faz parte do processo de recuperação contínua pensar em formas de fazer o aluno conseguir se expressar nesse determinado instrumento de avaliação.

9) Os materiais de apoio ao aluno, inclusive bibliografia

Como o objetivo da mediação educativa na PHC é elevar o grau de compreensão dos alunos sobre a realidade social, precisamos considerar a utilização de formas e recursos tão complexos quanto à análise que se pretende desenvolver. Precisamos dar acesso à Ciência, à Filosofia e à Arte e aproximar os alunos das formas mais complexas desses conhecimentos. É preciso viabilizar o contato dos alunos com obras originais de autores clássicos, filmes em outros idiomas, obras da música clássica e/ou outras possibilidades com alto grau de complexidade. Lembramos que, inspirada no materialismo histórico-dialético, a PHC entende que o mais complexo tem condições de explicar o mais simples, mas não inverso.

10) O parecer da Coordenação Pedagógica

Considerando o caráter institucional da educação escolar, o planejamento da mediação educativa deve ser acompanhado pela equipe gestora da instituição, sobretudo a equipe de Coordenação Pedagógica. Essa, além de verificar os aspectos formais e burocráticos do planejamento, deve acompanhar, possibilitar e facilitar o desenvolvimento da mediação educativa naquilo que estiver ao seu alcance. Lembramos que o momento catártico acontece na articulação de várias ações pedagógicas, o que torna a sua coordenação uma condição ímpar para que ela aconteça.

11) Os elementos de reflexão para os próximos planejamentos

Apesar de sintética, a visão do professor se manifesta como síntese precária. É síntese, pois o professor se apropriou de conhecimentos sistematizados, mas é

precária, pois toda mediação educativa é uma prática social na qual o professor ainda não teve contato. É por isso que toda mediação pedagógica altera a visão do professor, aprimorando-a. Sendo assim, ao planejar mediações educativas, o professor sempre terá novos elementos de reflexão, novos elementos de equívoco e contradição para serem superados, novos problemas postos na prática social, novos conhecimentos da Ciência, Filosofia e Arte para transformarem saberes escolares, etc. e deve utilizá-los para aprimorar o seu trabalho educativo.

Data

--
Assinatura do Professor (a)
Pedagógica

Ciência da Coordenação

Fonte: Elaborado por Turini⁷⁴.

⁷⁴ TURINI; LIMA; OLIVEIRA, 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que os estudantes inicialmente apresentem os seus conhecimentos sobre o mundo do trabalho, as condições do trabalhador na sociedade capitalista, a exploração e os baixos salários e as dificuldades que vão desde conseguir o primeiro emprego até subir de cargo na empresa em que trabalham. Que eles ainda atribuam ao indivíduo toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso profissional, voltado apenas para a remuneração e a conquista dos bens materiais, sem de fato compreenderem que o desemprego é estrutural no capitalismo como forma de não valorizar a mão de obra, mantendo sempre um exército de reserva, conforme aponta Marx.

Outro ponto fundamental, é que, espera-se, que os alunos não problematizem a desigualdade social em sua relação pela acúmulo do capital e da posse da propriedade privada, considerando essas duas dimensões da sociedade capitalista e de seu modo de produção como naturais. Todavia, espera-se também que os alunos participem dos debates dando grandes contribuições nas discussões iniciais (prática social e problematização), tirando dúvidas em relação aos conteúdos apresentados, principalmente no que concerne a educação como treinamento para a rotina da fábrica e como processo de ideologização da classe trabalhadora para ocupar determinadas funções no mundo social. Assim como, a aplicação da sequência didática deve chamar a atenção dos alunos para o fato de que o currículo da escola é um fator determinante para a formação tanto da classe dirigente que vai desenvolver tarefas complexas no mundo do trabalho e da classe operária que vai desenvolver tarefas simples no mundo do trabalho.

Essa proposta de sequência didática não deixou de contemplar a parte histórica associada ao desenvolvimento do capitalismo e a Revolução Industrial, assim como um resumo sobre o livro *Tempos Difíceis*, durante a instrumentalização ela subsidia as atividades com os conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade. Para a catarse é proposta a produção de texto, na qual apresentamos situações problemas para que os alunos indicassem possíveis soluções. O desafio é que eles utilizassem os conhecimentos adquiridos sobre o trabalho na sociedade capitalista e a sua relação com a educação escolar e profissionalizante, bem como as discussões realizadas para, então, solucionarem os problemas, que esperamos, com a aplicação da sequência didática, que eles a façam de forma satisfatória. Neste ponto o professor tem a possibilidade de retomar os pontos que os alunos ainda apresentam dificuldades.

Na prática social final com a proposta de uma produção de texto, os resultados devem ser positivos, pois os alunos devem apresentar opiniões coerentes com os conteúdos abordados e mostrarem ter compreendido a alienação da classe da trabalhadora por meio do trabalho no modo de produção capitalista e a sua relação com uma etapa que antecede o mundo do trabalho, que é a educação escolar e a educação de forma geral.

Espera-se que os alunos questionem várias vezes sobre os conceitos fundamentais do pensamento marxista para compreender a sociedade capitalista e o seu modo de produção, assim como as soluções que esse modelo de produção nos oferece e as consequências que o mesmo apresenta, pois se de um lado levou a humanidade a horizontes nunca antes possíveis, essa mesma alineou o homem e o transformou em mercadoria, reduziu as suas potencialidades e o desumanizou, fez com que perdesse a sua essência. Outro ponto importante é que cada aluno deve apresentar um tempo de aprendizagem diferente, o que requer do professor em alguns momentos retomar os pontos trabalhados que o aluno não conseguiu compreender ou que ficou com dúvida, visto que em turmas grandes isso não é tarefa fácil ou que é possível muitas vezes da forma adequada.

Concluimos que a arte de ensinar requer uma verdadeira entrega do professor, de seus sentimentos, de suas emoções e de toda a sua formação, e a combinação entre todas as dimensões que compõem o ser humano, e o professor são as responsáveis por um plano de aula, uma sequência didática, que de fato tenha significado para os alunos e permite com que eles se apropriem do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. Pode se afirmar que, embora não aplicada, essa proposta de sequência didática deve lograr êxito na elaboração e na execução das atividades, pois os alunos, de acordo com a minha experiência em sala de aula, gostam de trabalhar com a literatura, mesmo que não faz parte do dia a dia dos alunos, por vários fatores já conhecidos da sociedade brasileira, o preço dos livros que é elevado, a falta de acesso e de bibliotecas públicas, a falta de bibliotecário nas escolas, e a tecnologia que oferece outros elementos de interesse dos alunos, a literatura ainda é, mesmo com tantos fatores que a desfavorecem, uma plataforma que encanta e promove o conhecimento dos alunos, pois os mesmos devem considerar a leitura das partes do livro *Tempos Difíceis* como uma conquista, o que de fato é, uma conquista da humanidade dos alunos, de todas as dimensões do homem, uma visão do todo na incorporação da sua totalidade.

O professor é fundamental em qualquer sociedade, embora a vida dos alunos e dos professores, se encontre nas margens lúgubres no espectro da cidade de Coketown, assim como o senhor Thomas Gradgrind e Sissy Jupe é possível construir uma outra consciência social que oriente as práticas sociais e que podem nos levar a uma outra forma de sociabilidade que não seja determinada pela propriedade privada dos meios de produção, tenha como resultado a exclusão social, a desigualdade social, a miserabilidade cultural e material dos homens.

Escolhemos a literatura para trabalhar as teorias sociológicas, porque a literatura é de extrema importância na formação dos indivíduos. Ela é responsável por estimular a criatividade, a imaginação e por auxiliar na construção de conhecimentos diversos. Por isso é fundamental, partindo de sua relevância e das possibilidades que oferece como um espelho do mundo social, que seja usada em sala de aula, pois a literatura auxilia na construção de uma ponte entre o que é realidade e o mundo da fantasia, e o envolvimento do aluno com a história das obras literárias, permite que eles se identifiquem, percebam a realidade do dia a dia em que estão envolvidos, e assim conheça, se apropriem e critiquem o mundo social do qual fazem parte.

O uso da literatura para investigar os mais diversos elementos que compõem a realidade social não é algo novo na história da ciência, pois desde os primórdios a literatura tem sido empregada para conhecer os aspectos sociais do mundo humano, ou seja, a vida social de indivíduos e grupos humanos, a especificidade da análise sociológica da literatura se concentra na ideia de que a interpretação de dado texto deve ter caráter mais abrangente, uma vez em que esta se volta para a análise do discurso literário, na qual aponta a literatura, com propósito de exemplificar, ilustrar ou comprovar a interpretação da sociedade, que é uma interpretação de caráter bem mais amplo.

A literaturatrabalha com experiências e emoções e isso lhe confere uma grande capacidade de dar uma resposta popular através da qual as pessoas reconhecem suas próprias experiências.

Por isso escolhemos a literatura como espectro do mundo social para serem trabalhadas as teorias sociológicas, e pensar a realidade social que nos rodeia. A literatura é o corpo da proposta de sequência didática que vamos desenvolver abaixo, e a sociologia é a alma, entretanto, ambas indivisíveis, e só cognoscíveis juntas.

Atualmente, o modo de ensino utilizado nas escolas do nosso país vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões dos profissionais da educação, devido à

necessidade de atribuir uma nova roupagem aos métodos tradicionais, visando despertar o interesse e a participação dos estudantes para questões sociais relevantes, pertencentes aos conteúdos sociológicos. Durante as aulas de Sociologia no Ensino Médio das escolas públicas do Estado de São Paulo na cidade de Marília e região, ao discutir com os alunos que aspectos seriam importantes nos dias atuais, concluímos que a situação do trabalho e da educação na sociedade capitalista é uma realidade pouco discutida em sala de aula e na sociedade fora das instituições acadêmicas, contribuindo para a condição de miserabilidade da classe trabalhadora e a sua alienação. Devido às relações de trabalho estranhado que se estabelecem no modo de produção capitalista e o modelo educacional que se estabeleceu para suprir as necessidades deste aparelho de produção de mercadorias, por meio da especialização do trabalho, propomos apresentar o problema do trabalho em sua relação com a educação, pois compreendemos que a divisão que ocorre no ambiente da fábrica, entre a mão de obra educada nas escolas particulares para desenvolver tarefas complexas e a mão de obra educada na escola pública para desenvolver tarefas simples, se inicia muito antes, no ambiente escolar. A proposta não se resume apenas em apresentar as condições do trabalho na sociedade capitalista e as suas relações com a educação escolar dos indivíduos, mas discutir qual o caminho, para pensar uma sociedade futura. Iremos relacionar os conteúdos da disciplina de Sociologia e o cotidiano dos alunos para combater a ideia muito comum entre os alunos e a comunidade escolar de que a Sociologia não tem aplicação prática.

Neste contexto, de miséria material e cultural da classe trabalhadora, a Pedagogia Histórico-Crítica ganha destaque entre os referenciais teóricos, devido à relevância que esta pedagogia dá a importância de levarmos os estudantes a aprender o conteúdo e se posicionar criticamente perante os problemas da nossa sociedade, buscando transformá-la. Desse modo, o objetivo dessa sequência didática é utilizar o referencial teórico e metodológico da Pedagogia Histórico-Crítica e da Teoria Histórico-Cultural para abordar o conteúdo de Sociologia por meio da obra literária *“Tempos Difíceis”*, especificamente o tema trabalho, e paralelamente a sua relação com a educação escolar no Ensino Médio, buscando transformá-la.

Durante a pesquisa, procuramos expor de forma segura de que forma podemos usar a literatura para o ensino de Sociologia, e para tanto fizemos uma análise dos documentos oficiais tendo como objetivo revelar o tratamento que o mesmo recebe e que norteia o currículo do Ensino Médio. Do mesmo modo, para aprofundar os nossos conhecimentos históricos e de fato compreender os fenômenos sociais que moldam a

realidade da educação pública no Ensino Médio atualmente, uma educação utilitarista, voltada a inserção do jovem no mercado de trabalho, e não a formação humana completa, nos permitimos investigar a Reforma Gentílica, demonstrando a importância da história para conhecer o presente e inferir no futuro. Em toda a pesquisa, procuramos também, utilizando os conhecimentos produzidos e notabilizados na ciência, no que concerne a validade da literatura para a análise do Social, e acreditamos que conseguimos cumprir com essa etapa tão necessária, pois a Sociologia é uma ciência, e toda ciência carece de metodologia, e podemos verificar que, por meio do materialismo histórico dialético, da teoria histórico-cultural e aplicando os conhecimentos da Pedagogia Histórico- Crítica, não só é possível desnaturalizar a realidade social, assim como transformá-la. Outro ponto importante desta pesquisa foi a leitura e análise da obra literária “Tempos Difíceis” de Charles Dickens, pois parafraseando as palavras de Marx, Dickens compreendeu a Sociedade Industrial, e nos deixou um importante legado, um testemunho vivo de suas feições iniciais, e o pensamento crítico, mesmo em uma obra ficcional, das necessidades do capital e da classe trabalhadora em seu tempo. Por fim, elaboramos uma sequência didática, visto que a pandemia do coronavírus impediu a sua aplicação, acreditamos que pode ser usado em sala de aula, e, por meio dela analisar as condições do trabalho na sociedade pós-industrial em que nos encontramos hoje. Que esse seja um legado, como uma semente, a florir, pacientemente, a consciência humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Doracina. Aparecida. Castro. (2009). Pedagogia histórico- crítica: proposição teórico metodológica para a formação continuada. **Anais do Sciencult**, 1(1). Acesso em: 04 de maio de 2015. Disponível em:

<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/180/114>

ARMANDO Marino Filho. **Educação para o mundo do trabalho: alienação da função social da atividade produtiva na formação da juventude**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v-26, n 1, p. 80-97, jan/abr. 2015).

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 18 ed., São Paulo, Cultrix, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: janeiro 2021.

BRASIL. PCN+ Ensino Médio: **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria da Educação Básica, MEC. 2002.

BENICHOU, Paul. **La coronación del escritor 1750- 1830**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CANDIDO. Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista IEL Unicamp. 2012. Acesso em 25 Jun. 2015 Disponível em:

<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>

CANDIDO. Antônio . **O direito à literatura**. Disponível em:

<https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf> Acesso em 28 jun. 2015.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CHAGAS, Eduardo. Diferença entre Alienação e Estranhamento nos Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844), de Karl Marx, In: **Revista Educação e Filosofia Uberlândia**: Universidade Federal de Uberlândia, Junho/Dezembro de 1994, vol. 8, nº 16, p. 23-33.

DUARTE, Newton. **Palestra proferida pelo professor Newton Duarte**. Fortaleza: Mestrado Acadêmico em Educação da UECE, 2005.

ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Engels, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

Engels, Friedric. **Obras Filosóficas**, Colección Obras Fundamentales de Marx Y Engels. Cidade do México: Fundo de Cultura Económica, 1986.

EAGLETON, Terry. (org.) **Marxism LiteratyTheory- A reader**. Oxford: Blackwell, 1996.

EAGLETON, Terry. **Problems in Materialism and Culture- selected essays**. London; New York, 1997.

EAGLETON, Terry. **Teoria literária: uma introdução**. Traz. Waltensir Dutra. 6. ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006.

FAXINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FRANCIOLI, F. A. S. **Profissão docente: uma análise dos fatores intervenientes na prática educativa. Ponta Grossa**: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005 (Dissertação de Mestrado).

FRIGOTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In. FRIGOTO, G., CIAVATTA, M. (Orgs.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPCA, 2002.

GASPARIN, J. L. (2007). **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4ª ed. Campinas – SP: Autores Associados.

GASPARIN, J. L., & Petenucci, M. C. (2008). **Pedagogia histórico-crítica: da teoria à prática no contexto escolar**. Acesso em: 04 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>

GRAMSCI, Antônio. Caderno 12. IN: **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2 (Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo). Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Co-edição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 4ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos**. Vol. 1. Organização e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. “**Margini**”. In: **Scrittigiovani** 1914-1918. Turim: Einaudi, 1958a.. Quadernidelcarcere (a cura di V. Gerratana). Turim: Einaudi, 1975.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências de estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Leontiev, Alexis N. (1998). **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, Georg [1885 – 1971]. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **Rumo à outra didática histórico crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético**. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, SP, v. 19 – 1-28, 2019.

MARX, Karl. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: **O Capital: Crítica da Economia Política**, Livro I, O processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 255-277.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Vol. I. Livro I**. São Paulo: Abril, 1988.

MARX, Karl. **O capital, crítica da economia política: Vol 1. Livro 1**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. 1989.

MARX, Karl. **Trabalho alienado e superação positiva da autoalienação humana**. In: F. Fernandes (Ed.), Marx/Engels: Vol. 36. Grandes Cientistas Sociais. História (pp. 146-181). São Paulo, SP: Ática.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich.. **Ideologia Alemã**. 11 ed. Tradução do alemão por José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 1999.

NOSELLA, Paulo. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: MENDES de Almeida M. I. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Denise. C. et al **Futuro e Liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes**. Revista Estudos de Psicologia, Natal, V. 6, n. 2, p. 245-258, 201.

RIZZO, C. B. da S. Chamon, E. M. Q. de O. **O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, V. 8, n. 3, 2010.

NEUBAUER, Rose; DAVIS, Cláudia; LOBO, Gisela; TARTUCE, Marina. **Ensino médio no Brasil: uma análise de melhores práticas e de políticas públicas**. R. bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 230, p. 11-33, jan/abr. 2011.

SARLO, Beatriz. “Los estudios culturales y la crítica literaria en la encrucijada valorativa”. In: Revista de Crítica Cultural, no 15, Chile, 1997.

SAVIANI, Demerval. **Domínios, dominadores e dominados**. Jornal da Unicamp. Universidade Estadual de Campinas – SP. 14 a 24 de Outubro de 2002. N° 194, ano XVII.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 9ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005. Col. Educação Contemporânea.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 17. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Antônio Carlos da Costa e. **O trabalho como formação e deformação do homem nos manuscritos de 1844 de Karl Marx**. Antônio Carlos da Costa e Silva. – 2012.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária a prática escolar**. Anais do Evento PG Letras. 30 Anos, vol. I (1): 514-527.

SLAUGHTER, Cliff. **Marxismo, ideologia e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 1999

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TONET, Ivo **Cidadão ou homem livre?** Disponível em: <http://ivotonet.xp3.biz/>. Acesso em: 24/04/2020.

TURINI, Mateus Henrique; LIMA, Deivide Telles de; OLIVEIRA, João Gonçalves de. **FilosoBol. Produto educacional. 2019**. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica cursado por Mateus Henrique Turini). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Bauru, 2019.

VANZULLI, Marco. **Il marxismo e l'idealismo: studi su Labriola, Croce, Gentile, Gramsci**. Roma: Aracne, 2013.

VENZEL, FRANCISCA DO CARMO BARBOSA DA SILVEIRA **Integração entre educação e trabalho: uma reflexão sobre a prática docente nos cursos de ensino médio integrado a educação profissional**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2007.

VIGOTSKI, Levi Simonovich. **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Levi.Simonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Levi Simonovich. (2001). **Obras escogidas**. Volumes 1, 2 e 3. Madrid: Machado Libros.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. New York: Oxford University Press, 1988.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>

APÊNDICE A

Proposta didática elaborada sob a inspiração da PHC para o componente curricular de Sociologia, 3º Bimestre, 2ª Série do Ensino Médio

ETAPAS DA SEQUÊNCIA DA DIDÁTICA

PLANO DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA			
Escola:	Município:	Prof. (a):	
Ano/ Turma Escolar:	Componente Curricular:	C. H. Semanal:	
Período Letivo:	Início:	Término:	Total de Aulas:
1) Os problemas e a relação de síncrese com a prática social			
<p>Leitura de passagens da obra “Tempos Difíceis” de Charles Dickens e discussão em sala de aula acerca de fenômenos sociais concernentes as condições de trabalho na sociedade capitalista, pois o tema trabalho é fundamental para a Sociologia, pois, o mesmo influencia diretamente a vida das pessoas, assim como as suas formas de desenvolvimento históricorefletem no modo de vida e na estrutura social das sociedades. O trabalho é objeto de interesse da Sociologia desde a sua origem, já que os ganhos do trabalho determinam a posição social dos indivíduos na estratificação social. Sob a ótica do capital, essa estratificação é estabelecida por meio das relações produtivas do detentor (dos meios de produção), a burguesia, que é proprietária do capital, e aquele que executa a produção através de seu trabalho em troca de parte do capital (salário). Em nossa sociedade, essa relação é naturalizada, e apropriação do conhecimento social gerado pela ciência e pela tecnologia, assim como a produtividade do trabalho social se apresenta como algo que deva ser questionado. Por isso é necessário, por meio das teorias sociológicas, desnaturalizar as relações de trabalho no contexto da sociedade capitalista, fazendo com que os alunos (muitos trabalhadores) percebam, desenvolvam a consciência de classe necessária à transformação social) que com a alienação da atividade produtiva, o trabalhador aliena também o seu gênero humano. E dessa forma possa compreender a relação entre capital- trabalho – alienação, que promove a reificação ou coisificação do mundo, isto é, tornando-o objetivo e suas regras devem ser seguidas passivamente pelos componentes.</p>			
2) A análise da estrutura organizacional e as possibilidades de um ensino histórico-crítico			
<p>As salas de aulas dispõem de quadro branco. A escola não possui biblioteca e bibliotecário. A escola possui um laboratório de informática e um laboratório de ciências. Todos os alunos dispõem de aparelhos celulares. Apenas alguns alunos dispõem de internet fixa e ilimitada. A escola possui impressora que digitaliza páginas de livros, o que é imprescindível para a realização da sequência didática, pois as páginas selecionadas para leitura em casa e durante as aulas serão impressas e digitalizadas para envio por meio das plataformas digitais para os alunos. A falta de uma biblioteca e de um profissional da área para organizar e sistematizar, assim como promover campanhas de incentivo a leitura nas escolas públicas, explicita o descaso da Secretaria da Educação e a política educacional do Estado de São Paulo</p>			

de não promoção da leitura (ressaltando que existe a compra anual de obras literárias para as escolas, portanto não existe um tratamento dado a elas depois, tornando difícil até mesmo encontra-las posteriormente, o que ressalta a falta de controle do patrimônio público).

3) Os conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos transformados em saberes escolares

Definimos para a aplicação desta sequência didática, uma rodada de conteúdos introdutórios da Sociologia, que serão desenvolvidos em seis aulas, que problematizaram as relações de trabalho na sociedade capitalista, assim como o desenvolvimento do capitalismo e as relações sociais implícitas a esse modo de produção. Usaremos como referencial teórico as análises de Karl Marx. Apresentaremos no decorrer das aulas o método do materialismo histórico-dialético. Definiremos pontos centrais do pensamento marxista, como o modo de produção capitalista, o que é o fetiche da mercadoria, a luta de classes, a alienação do trabalho, as origens históricas da burguesia e do proletariado, o que é a práxis, a mais-valia, a reificação da mercadoria, o exército industrial de reserva e a sua proposta de revolução social.

4) Os processos de instrumentalização

Cronograma	Nº de aulas	Atividade Planejada	Procedimentos de Instrumentalização
Período de data data ⁷⁵	1	Aula sobre “O Materialismo histórico-dialético”	Aula expositiva em power point, roda de conversa sobre o tópico abordado e produção de texto.
Período de data Data	1	Aula sobre “O modo de produção capitalista”	Aula expositiva em power point, roda de conversa sobre o tópico abordado e produção de texto.
Período de data Data	1	Aula sobre “O fetiche da mercadoria”	Aula expositiva em power point, roda de conversa sobre o tópico abordado e produção de texto.
Período de data Data	1	Aula sobre “Alienação do trabalho”	Aula expositiva em powerpoint, roda de conversa sobre o tópico abordado e

⁷⁵ Como aqui estamos apresentando apenas uma proposta de sequência didática, indicamos apenas que esta sequência, de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo, permeia o estudo dos conteúdos do 3º Bimestre.

			produção de texto.
Período de data Data	1	Aula sobre “exército industrial de reserva e a sua proposta de revolução social”	Aula expositiva em power point, roda de conversa sobre o tópico abordado e produção de texto.
Período de dataa Data	1	Análise das produções textuais e recuperação contínua dos tópicos abordados	Correção das produções textuais e roda de conversa em grupo e individualmente sobre os resultados das produções de texto.
5) A catarse a partir da expectativa de novas posturas na prática social			
O percurso de estudos foi sistematizado com o intuito de levar o aluno a desnaturalização dos fenômenos sociais relacionados à categoria trabalho de acordo com o pensamento de Karl Marx. Identificar o trabalho como mediação entre homem e natureza. Estabelecer uma reflexão sobre divisão do trabalho, o processo de trabalho e as relações de trabalho. Compreender como Karl Marx pensou o trabalho na vida social do homem.			
6) A ascensão à síntese e as possíveis transformações sociais pela ação humana			
O planejamento das atividades foi elaborado de forma que os alunos possam compreender o materialismo histórico-dialético, como método que nos permite a análise dos fenômenos sociais, depois por meio da apresentação do processo de produção capitalista, depois entender o trabalho como mediação entre o homem e a natureza, e por fim identificar as transformações no mundo do trabalho: as mudanças no processo e na organização do trabalho e sua relação com os processos educativos, assim como compreender as categorias de emprego e desemprego na atualidade.			
7) As avaliações como evidências da aprendizagem			
- Produção de texto: os alunos devem escrever um texto problematizando as partes do livro “Tempos Difíceis” de Charles Dickens, com o contexto social em que vive a luz do conjunto de teorias trabalhadas em sala de aula.			
8) As estratégias para recuperação contínua das lacunas de aprendizagem			
O processo de recuperação contínua é uma estratégia pedagógica que visa evitar o acúmulo de defasagens e, ao mesmo tempo, favorecer um trabalho de recuperação mais profundo, que leve o aluno a síntese. Com frequência, as dificuldades dos alunos se acumulam até o final do ano – para que só então, com pouco tempo, a			

escola tente resgatar aprendizados que precisariam de mais tempo e atenção para de fato serem assimilados.

9) Os materiais de apoio ao aluno, inclusive bibliografia

O objetivo da Pedagogia Histórico-crítica é fazer com que o aluno consiga desnaturalizar a realidade social que o permeia. Desse modo, é necessário que ele desenvolva o pensamento complexo, para que assim, inferir sobre essa realidade de modo a transformá-la, por meio do pensamento crítico e de uma práxis revolucionária. Fazendo-se então imprescindível que ele tenha acesso ao capital cultural historicamente acumulado pela humanidade, o que inclui as obras científicas e artísticas. Devendo o professor, disponibilizar ao aluno, outras obras de arte, como suporte a sua aprendizagem e apropriação da cultura universal.

10) O parecer da Coordenação Pedagógica

Não houve, pois a sequência didática não foi aplicada devido à pandemia do coronavírus.

11) OS elementos de reflexão para os próximos planejamentos

Embora a sequência didática não foi aplicada, durante a sua elaboração, percebemos o quanto o desenvolvimento de uma atividade pensada e reelaborada por parte do educador é de fundamental importância, não apenas para o aluno que por meio dela pode chegar a síntese, como para o professor que ao traçar um caminho, descobre novos caminhos que podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

--
Data Assinatura do Professor (a) Ciência da Coordenação
Pedagógica

Fonte: Elaborado por Turini⁷⁶.

⁷⁶ TURINI; LIMA; OLIVEIRA, 2019

APÊNDICE B

LIVRO: Tempos Difíceis AUTOR: Charles Dickens TRADUÇÃO: José Baltazar Pereira Júnior EDIÇÃO: 1. Ed. – São Paulo: Boitempo – 2014 (Clássicos Boitempo)			
Conteúdo/ Tema	Localização na obra literária		Observação das possibilidades
- <i>EDUCAÇÃO UTILITARISTA NA MODERNA SOCIEDADE INDUSTRIAL</i> - <i>IDEOLOGIA</i> - <i>ESTADO BURGUESES</i> - <i>ALIENAÇÃO</i>	Capítulo	I – A ÚNICA COISA NECESSÁRIA	A educação como função do Estado é eminentemente um fenômeno histórico e político. O papel da educação na ideologia capitalista é expresso pelo conceito de empregabilidade, é produzir um cidadão mínimo, carentes de capacidades cívicas. Voltado para atender as demandas do mercado e não as possibilidades de desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, que reúna o ensino técnico e o ensino humanístico.
	Páginas	13 – 19 – 20	
	<p>“Ora, eis o que quero: Fatos. Ensinem a estes meninos e meninas os Fatos, nada além dos Fatos. Na vida, precisamos somente dos Fatos. Não plantem mais nada, erradiquem todo o resto. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos Fatos: nada mais lhes poderá ser de qualquer utilidade. Esse é o princípio a partir do qual educo as crianças. Atenha-se aos Fatos, senhor!”</p> <p>-----</p> <p>Assim, enquanto seus olhos brilhavam ansiosos sobre os alunos, de dentro das cavernas já mencionadas, ele parecia um canhão carregado até a boca com fatos, preparado para lançar as crianças para fora das regiões da infância com o único disparo. Parecia também um aparelho galvanizador, carregado com um lúgubre substituto mecânico para os jovens e frágeis imaginações que seriam levadas de roldão.</p> <p>-----</p> <p>“Vocês deverão ser, em todos os aspectos, regulados e governados”, disse o cavalheiro, “pelos fatos. Esperamos ter em breve um conselho dos fatos, composto de comissários dos fatos, que forçarão o povo a ser um povo dos fatos, e nada além de fatos. Vocês devem descartar a palavra Imaginação. Vocês nada têm a ver com ela. Não deverão tê-la em nenhum objeto de uso ou ornamento, o que seria uma contradição de fato.</p> <p>-----</p> <p>-</p> <p>“Devem usar”, disse o cavalheiro,</p>		

	<p>“para todos esses propósitos, combinações e versões (em cores primárias) de figuras matemáticas passíveis de prova e demonstração. Essa é a nova descoberta. Isso é fato. Isso é bom gosto.”</p>					
Conteúdo/ Tema	Localização na obra literária	<i>Idem</i>				
<p>- EDUCAÇÃO UTILITARISTA NA MODERNA SOCIEDADE INDUSTRIAL</p> <p>- IDEOLOGIA</p> <p>- ESTADO BURGUESES</p> <p>- ALIENAÇÃO</p>	<table border="1"> <tr> <td>Capítulo</td> <td>II – UMA BRECHA</td> </tr> <tr> <td>Páginas</td> <td>23 – 25 – 26</td> </tr> </table>	Capítulo	II – UMA BRECHA	Páginas	23 – 25 – 26	
	Capítulo	II – UMA BRECHA				
	Páginas	23 – 25 – 26				
<p>O Sr. Gradgrind caminhava da escola para casa em estado de considerável satisfação. Era sua escola, e ele pretendia que ela fosse um modelo. Pretendia que cada criança nela fosse um modelo – como os jovens Gradgrinds, e cada um deles era um modelo. Haviam sido doutrinados desde a mais tenra infância; adestrados, como pequenas lebres. Assim que puderam correr sozinhos, foram obrigados a correr para a sala de aula. O primeiro objeto com o qual tiveram uma associação, ou do qual conservaram alguma lembrança, foi um grande quadro negro do qual um Ogro seco desenhava a giz sinistros algarismos brancos.</p> <p>Não que conhecessem, por nome ou natureza, qualquer coisa sobre ogros. Os fatos os livrem! Uso a palavra apenas para definir um monstro que vivia num castelo de aulas, só Deus sabe com quantas cabeças manipuladas numa só, e capturava a infância, arrastando-a pelos cabelos para tenebrosos covis estatísticos.</p> <p>-----</p> <p>É claro que Thomas Gradgrind não prestou nenhuma atenção a essas trivialidades, mas passou como um homem prático deveria passar, espantando do pensamento os insetos barulhentos, ou trancando-os na Casa de Correção. Mas a curva da estrada levou-o aos fundos do pavilhão, e nos fundos do pavilhão havia numerosas crianças em numerosas atitudes</p>						

furtivas, esforçando-se para espiar as glórias secretas do lugar.

Aquilo o fez parar. “Ora, e pensar que esses vagabundos”, disse ele, “estão atraindo jovens hordas para longe de uma escola modelo.”

Ambos tinham um ar fatigado e mal-humorado, em particular a menina: ainda assim, lutando contra a insatisfação em seu rosto, havia uma luz sem nada em que se refletir, um fogo sem nada para queimar, uma imaginação faminta que se mantinha viva de algum modo e iluminava sua expressão. Não com o brilho natural da alegre juventude, mas com clarões incertos, ansiosos e duvidosos, que tinham algo de doloroso, como a expressão de um rosto cego tateando o caminho.

-
Em alguns estágios da fabricação do tecido humano, os processos do tempo são muito rápidos. No jovem Thomas e em Sissy, que estavam em tal estágio de manufatura, as mudanças efetuaram-se em um ano ou dois; já o Sr. Gradgrind parecia estacionado em seu curso e não sofria nenhuma alteração.

Exceto uma, que não fazia parte do progresso necessário na fábrica. O tempo empurrou-o para um pequeno mecanismo barulhento e muito sujo, num canto qualquer, e transformou-o em membro do Parlamento, como representante de Coketown: um dos respeitados membros dos pesos e medidas, um dos representantes da tabuada, um dos honoráveis cavalheiros cegos, um dos honoráveis cavalheiros mancos, um dos honoráveis cavalheiros mortos, a qualquer outra consideração. Senão por que viveríamos numa terra cristã, mil e oitocentos e poucos anos após o Nosso Senhor?